



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAH
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
CURSO DE HISTÓRIA

“CULTURA FÍSICA”:
O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO
CAMPINENSE (DÉCADA DE 1930)

ALEXANDRO DOS SANTOS

CAMPINA GRANDE – PB
2014

**“CULTURA FÍSICA”:
O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO
CAMPINENSE (DÉCADA DE 1930)**

ALEXANDRO DOS SANTOS

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Regina Coelli Gomes Nascimento.

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

ALEXANDRO DOS SANTOS

**“CULTURA FÍSICA”:
O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO
CAMPINENSE (DÉCADA DE 1930)**

Monografia Avaliada em 15 /08/2014, com o conceito Máximo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a. Regina Coelli Gomes Nascimento

Prof^o. Dr^o. Iranilson Buriti de Oliveira

Doutorando: Azemar dos Santos Soares Júnior

Ms^a: Rozeane Albuquerque Lima

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais João e Joana, a meus irmãos Sandra, Fábio e Simone. E a Lais, pessoas que amo...

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos de um trabalho acadêmico levou-me a comparar com momentos de tarefas difíceis e árduas. Surge um misto de lembranças, esquecimentos, entrelaçados com julgamentos de injustiças, para com alguns. E mesmo diante dos riscos de ser injusto, represento no decorrer desta sessão, meu reconhecimento a personagens fundamentais que cruzaram algum dia meu caminho e contribuíram de alguma forma para esta realização. Venho aqui agradecer:

Ao CNPq, pelo apoio financeiro e oportunidade de ter participado como discente bolsista do Programa de Educação Tutorial do curso de História da UFCG entre os anos de 2011 e 2013; e do projeto de pesquisa “*Conselho Higiênico*”: *Sensibilidades e Saberes Escolares em Campina Grande - Paraíba (1920-1940)*. Essas oportunidades contribuíram imensamente para a concretização desta monografia.

Às pessoas que proporcionam, em algumas instituições de Campina Grande e da Paraíba, um espaço de esperança e de trabalho para aqueles que carregam o sonho de ser um historiador, evidenciando os que tive contanto: funcionárias/os da Biblioteca Atila de Almeida, do Museu Histórico de Campina Grande, do Espaço Cultural de João Pessoa, da Casa José Américo de Almeida, do SEDHIR da UFCG, e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

A todas e todos que compõem o curso de História da Universidade Federal de Campina Grande. Em especial, à minha orientadora Regina Coelli Gomes Nascimento, que, desde os primeiros contatos, depositou em mim suas palavras de conforto e confiança, muito obrigado pela atenção, paciência, conselhos, dicas de trabalho e pesquisas.

Ao professor Luciano Mendonça de Lima, o qual, mesmo comungando de concepções teóricas-metodológicas diferentes das minhas, sempre mostrou-se disposto a ajudar disponibilizando documentações para as pesquisas.

Aos professores Severino Cabral e Nilda, pelas leituras atentas e sugestões na correção do projeto de monografia nas disciplinas de Métodos e Técnicas de Pesquisa II e Complementação da Prática de Ensino, respectivamente.

À Iranilson Buriti de Oliveira, que com sua sensibilidade, conseguiu instigar minha curiosidade para com a História da Educação Física na disciplina de História do Brasil III.

Às funcionárias da coordenação do curso de história Roza e Ana, anjos que nos momentos difíceis sempre aparecem com palavras e gestos de conforto, para com os discentes do curso.

Aos colegas de curso que ingressaram junto comigo em 1º março de 2010, com quem, por quatro longos anos, dividi momentos de aprendizado e conhecimento acadêmico, em especial à Raquel, Leo e Augusto, amigos que levarei para toda vida.

A todos (as) aqueles que fazem o Programa de Educação Tutorial do curso de História da UFCG, em especial à Rony e Elson, colegas de muitas experiências e aventuras acadêmicas, parceiros na escrita de muitos trabalhos.

Por fim, agradeço à toda minha família, aos meus avôs João e Maria, João Sabino (*In memoriam*) e Amélia; a meus pais João e Joana; aos meus irmãos: Sandra, Fábio e Simone. E à Lais, amor da minha vida, que com suas palavras de ânimo me motivou a continuar escrevendo e pesquisando mesmo nos momentos de maior cansaço e angústia.

A todos vocês que tiveram seus nomes aqui citados, um muito obrigado por existirem e, em algum momento terem, direto ou indiretamente, feito parte da minha vida...

SANTOS, Alexandro dos. **“CULTURA FÍSICA”**: O ENSINO DE EDUCAÇÃO PHYSICA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO CAMPINENSE (DÉCADA DE 1930). Monografia (Graduação). Campina Grande – PB: UFCG, 2014.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo analisar os discursos que circularam no Instituto Pedagógico Campinense – CG, na década de 1930, abordando a implantação do ensino de Educação Física na cidade de Campina Grande. Para tal, utilizamos como fonte de pesquisa os jornais da época: *A União* (1931), *O Educador* (1932), *Brasil Novo* (1931), revista de *Ensino do Estado da Paraíba* (1932-1937), e a revista *Evolução* (1931-1932), uma publicação do Instituto Pedagógico Campinense que circulou na cidade entre os anos de 1931 e 1932, abordando, em suas páginas, assuntos do cotidiano do referido Instituto e temas relacionados à política, economia, higiene, educação e cultura. Parte da documentação se encontra na biblioteca Àtila de Almeida (Campina Grande), Instituto Pedagógico Campinense, Espaço Cultural de João Pessoa e Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. As discussões a respeito das práticas da Educação Física foram baseadas na historiografia relacionada ao tema, a exemplo de Soares Júnior (2011), com seus estudos sobre o ensino de Higiene e Educação Física na cidade da Parahyba no início do século XX, Parada (2009), e Ghiraldelli Jr. (1991), que proporcionam uma melhor compreensão acerca da implantação do ensino de Educação Física no Brasil. O aporte teórico-metodológico apoiou-se nas abordagens de uma Nova História Cultural, a partir das discussões feitas pelo filósofo francês Michel Foucault (2010) enfatizando os conceitos de discurso e disciplina.

Palavras-chave: Instituto Pedagógico Campinense; Educação Physica; Higiene; Disciplina; Discurso.

SANTOS, Alexandro dos. **"PHYSICAL CULTURE": THE TEACHING OF EDUCATION PHYSICAL THE PEDAGOGICAL INSTITUTE CAMPINENSE (DECADE OF 1930).** Monograph (Graduation). Campina Grande - PB: UFCG, 2014.

ABSTRACT

This text aims to analyze the discourses that circulated in the Pedagogical Institute Campinense - CG, in the 1930s, addressing the implementation of the teaching of Physical Education in the city of Campina Grande. Therefore, we used as a source of research the newspapers: *A União* (1931), *O Educador* (1932), *Brasil Novo* (1931), revista de *Ensino* do Estado da Paraíba (1932-1937), e a revista *Evolução* (1931-1932), a publication of the Instituto Pedagógico Campinense that circulated in the city between the years 1931 and 1932, focusing on its pages, the everyday affairs of the Institute and topics related to politics, economy, hygiene, education and culture. Some of the documentation is in *Biblioteca Átila de Almeida (Campina Grande)*, *Instituto Pedagógico Campinense*, *Espaço Cultural de João Pessoa* and *Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*. Discussions about the practices of Physical Education were based in the historiography related to the topic, like Soares Júnior (2011), in his studies on the teaching of Hygiene and Physical Education in the city of Parahyba in the early twentieth century, Parada (2009), and Ghiraldelli Jr. (1991), which provide a better understanding about the implementation of the teaching of Physical Education in Brazil. The theoretical-methodological approach has relied on the approaches of a New Cultural History, from the discussions made by the French philosopher Michel Foucault (2010) emphasizing the concepts of discourse and discipline.

Keywords: Instituto Pedagógico Campinense; Physical Education; Hygiene; Discipline; Discourse.

LISTA DE IMAGENS

Imagem I -- Os nossos estabelecimentos de ensino: alunas do grupo escolar “Epitácio Pessoa”
– Uma aula de Ginastica. _____ 24

Imagem II -- Revista do Ensino, p. 11, Anno IV, Número 14, João Pessoa, dezembro de 1936.
_____ 28

Imagem III -- Alunas da Escola Normal João Pessoa, do (Instituto Pedagógico) praticando o
exercício de ginástica sob a direção do sargento Moises Araújo, instrutor do estabelecimento.
_____ 44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I – EXERCÍCIO - “UM ESPÍRITO SÃO, EM UM CORPO SÃO”: O ENSINO DE EDUCAÇÃO PHYSICA E HIGIENE COMO MODELADORA DE CORPOS ROBUSTOS E SADIOS	17
II – EXERCÍCIO - “CULTURA PHYSICA: PARA A FAMÍLIA CAMPINENSE”: A EMERGÊNCIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO GYMNASTICA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO CAMPINENSE	34
III – “CULTURA PHYSICA PARA O SEXO FEMININO”: PRÁTICAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO PHYSICA	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar e escrever sobre a circulação do ensino de Educação Física¹ no Instituto Pedagógico Campinense² na década de 1930 do século XX, surgiu a partir do meu ingresso no Programa de Educação Tutorial – PET História - UFCG, no final do ano de 2011³. No programa, um grupo formado por três discentes, iniciou uma série de pesquisas sobre a história da educação em Campina Grande nas primeiras décadas do século XX. Quando fizemos nossa primeira visita à biblioteca Àtila de Almeida, localizada no edifício da reitoria da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, buscando identificar e digitalizar documentos relacionados à temática de História da Educação eis que, deparamo-nos com uma rica documentação produzida pelo Instituto Pedagógico Campinense⁴: a revista *Evolução*⁵. A mesma circulou em Campina Grande, e cidades vizinhas entre os anos de 1931 e 1932. Essa revista foi, na década de 1930, um dos principais meios de comunicação do interior do Estado da Paraíba, divulgando notícias e propagandas do próprio Instituto e também da cidade. Chegou a circular em estados mais próximos como o Rio Grande do Norte⁶.

No primeiro exemplar da revista, encontra-se uma fotografia das discentes do Instituto em plena aula de Gymnastica, ministrada pelo Sargento Moises de Araújo, o responsável pelo ensino de Educação Física no educandário. Ao ver essa imagem, logo surgiu a curiosidade e o

¹ Nesta monografia optamos por usar o termo Educação Física, com letra maiúscula por ser desta maneira que nos aparece nas principais fontes consultadas e catalogadas.

² Hoje o Instituto Pedagógico Campinense chama-se Colégio CAD. O Colégio Alfredo Dantas é um dos mais tradicionais Colégios de Campina Grande, criado no ano de 1919, pelo Tenente Alfredo Dantas Correa de Góes. Hoje é considerado a mais antiga escola da cidade. “Instituto Pedagógico” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº1, p.7).

³ Este trabalho surgiu enquanto resultado de pesquisas desenvolvidas no projeto *Cartografias das Práticas e Saberes Disciplinares em Campina Grande – Paraíba (1900-1930)* desenvolvida no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de História da UFCG. O Programa de Educação Tutorial do Curso de História do Centro de Humanidades da UFCH foi aprovado no ano de 2009, passando a funcionar a partir de outubro do mesmo ano, desenvolvendo atividades de pesquisa, ensino e extensão. Maio de 2012. <http://www.ufcg.edu.br/~historia/pet/>.

⁴ “*Instituto Pedagógico*: Estabelecimento de ensino primário, secundário, normal, comercial e de Instrução Militar. Mantem, ainda, outros cursos profissionais de imprescindível necessidade para vida pública. O curso normal que é professado na “Escola Normal João Pessoa”, está equiparado ao da Normal Oficial do Estado, pelo Decreto nº 1615 de 9 de Dezembro de 1929. Confere diploma de qualquer das especialidades acima professadas.” [Sic.]. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº1, p.32).

⁵ “Como o Prof. José Batista Leite, inspetor geral de ensino, se expressou a respeito da “Evolução”. Bela ideia a do esforçado educador Tte. Alfredo Dantas que acaba de aumentar as realizações da rumorosa Campina com uma revista, onde se concretiza o pensamento dos homens de letras da Glebá e se formam as vocações literárias da mocidade da Escola Normal “João Pessoa”. É a *Evolução*” um núcleo de pensamentos. Esta de-parabens a bela cidade serrana por mais essa prova, de que em seu seio não so se cogita de cousas materiaes, também se pensa em dar-se azas a mocidade, também há amor á vida espiritual” [Sic.]. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº2, p.25).

⁶ “Evolução” no Rio Grande do Norte

Em minha excursão feita na última quinzena de Janeiro em vários municípios do meu Estado natal, aproveitei o ensejo para angariar algumas assinaturas da “Evolução” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1932, nº6, p. 4).

interesse em pesquisar a História da disciplina Educação Física na cidade no período da Primeira República. No momento, eu estava cursando a disciplina História do Brasil III, ministrada por Iranilson Buriti, professor do curso de História da UFCG. Na disciplina, todas as leituras dizem respeito ao contexto da primeira e segunda República no Brasil.

A minha participação no projeto de pesquisa “*Conselho Higiênico*”: *Sensibilidades e Saberes Escolares em Campina Grande - Paraíba (1920-1940)*, financiado pelo CNPq, sob a orientação da professora Regina Coelli Gomes Nascimento, contribuiu para aumentar nossa afinidade com o tema de pesquisa, que foi amadurecendo com o passar dos anos. Com esse projeto, tomamos conhecimento de parte da documentação e da historiografia relacionada à História da Educação Física no Brasil, no final do século XIX e início do século XX.

Para a realização dessa pesquisa foi imprescindível, em primeiro lugar, a leitura do livro *Educando corpos criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*, do historiador Maurício Parada (2009): Essa leitura nos instigou a mergulhar em outros livros e textos que tratam da História da Educação Física em âmbito nacional, estadual e local.

Ao pesquisarmos a História da Educação em Campina Grande no início do século XX, percebemos que a historiografia local era carente quando se tratava da História da Educação Física. No entanto, ao referir-se à História dessa disciplina na cidade da Parahyba, o historiador Azemar dos Santos Soares Júnior, vem dedicando parte de suas pesquisas em analisar o tema no início do século XX, na capital do Estado, como parte de um programa de divulgação da eugenia, uma doutrina ligada ao higienismo. “O melhoramento do corpo e a segurança da saúde eram o tema da ordem do dia, um debate que disciplinava parte da população” (SOARES JÚNIOR, 2012, p.8).

No que diz respeito à historiografia brasileira, podemos destacar que a adoção da Educação Física possui relação com a experiência francesa na área. Os militares brasileiros desenvolveram papéis semelhantes aos da França. O Brasil, no ano de 1921, aprovou o Regulamento de Instrução Militar, vinculado ao Exército, de acordo com o *Projeto Francês*, sob a influência da Missão Militar Francesa, que, a pouco tempo, havia chegado ao Brasil. Em 1922 o Ministério da Guerra criou o Centro Militar de Educação Física, com o intuito de “dirigir, coordenar e difundir o novo método de educação física e suas aplicações desportivas” (CASTRO, 1997, p.5).

Castellani Filho (1988), afirma que a Educação Física no Brasil, desde seu início, no século XIX, foi compreendida enquanto um elemento importante para forjar indivíduos “fortes”, “saudáveis”, na implementação do processo de desenvolvimento do país, que a pouco

tempo havia saído de sua condição de colônia portuguesa, e buscava construir um modo de vida próprio. Os militares não foram os únicos responsáveis por associar a Educação Física à “Educação do Físico”, e à “Saúde Corporal”. Nessa empreitada, os médicos também passam a dispor de papel indispensável, e fazendo-se uso da “medicina social de índole higiênica”, interferiram no processo de organização da instituição familiar.

Para formular melhor nossas análises partilhamos do aporte teórico-metodológico proposto pelo viés de abordagem da Nova História Cultural, a partir das discussões do historiador Michel de Certeau, a respeito das práticas cotidianas, atentando para as sutilezas, estratégias, táticas⁷ e operações do fazer e do saber dos sujeitos ordinários em seu dia-a-dia. Segundo De Certeau (2011), o cotidiano “[...] é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível” (CERTEAU, 2011, p.31).

Em um diálogo com Duran (2007), percebemos que “pesquisar o cotidiano escolar significa um caminho de investigação pela sondagem das “vias da lucidez e da ação” (DURAN, 2007, p.126). Nas aulas de Educação Física do Instituto Pedagógico Campinense, é nítida, por parte dos educadores, o interesse em disciplinar não apenas a mente, mas também o corpo dos discentes que, cotidianamente, se utilizavam de artimanhas e táticas, procurando burlar a disciplina imposta.

Dialogamos com o conceito de disciplina a partir das considerações feitas por Michel Foucault em sua obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2010), um estudo sobre a disciplina na sociedade moderna. Com esse trabalho, o filósofo explicitou que as formas de pensamento são também relações de poder, que implicam a coerção e imposição. Portanto os conceitos formulados por Foucault, de discurso e disciplina, são fundamentais para escrita deste trabalho monográfico. A punição e a vigilância são mecanismos de poder utilizados para docilizar e adestrar os sujeitos para que esses se adequem às normas estabelecidas pelas instituições como hospitais, prisões, asilos, quartéis e escolas.

Nas aulas de Educação Física, a todo momento, os discentes estavam sendo vigiados. Para Foucault, a vigilância é uma tecnologia de poder que incide sobre os corpos dos indivíduos, controlando seus gestos, suas atividades, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. Ao percorrer os corredores das instituições escolares é possível se realizar uma vigilância ao mesmo tempo

⁷ Michel De Certeau (2011), chama de “estratégia o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. E de tática “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância” (CERTEAU, 2011, p.45).

geral e individual. “A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas” (FOUCAULT, 2010, p.143). A disciplina tem por objetivo maior o adestramento do corpo dos sujeitos.

Dito isso, essa monografia tem por objetivo analisar os discursos que circularam no Instituto Pedagógico Campinense na década de 1930, para implantar, em Campina Grande, o ensino de Educação Física, com o objetivo de escrever uma História da disciplina Educação Física no Instituto. Nesse caso o Instituto Pedagógico Campinense merece nossa atenção especial por ter sido a primeira instituição de ensino da cidade que disponibilizou aos seus docentes e discentes o ensino dessa disciplina, ainda durante os primeiros anos de sua criação, pelo Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis, como nos mostra os exemplares da revista *Evolução*, produzida pelo próprio Instituto durante os anos de 1931 e 1932, ano que a revista deixa de circular e, em seu lugar, é criado o *Evolução Jornal*, que segue os mesmos propósitos de divulgar fatos da História local e da própria Instituição de ensino.

Considerando o recorte temporal e espacial, tomamos a década de 1930, para analisarmos nosso estudo por ter sido nesse período que o ensino de Educação Física começou a circular nas escolas de Campina Grande como parte de um processo chamado medicalização e disciplinarização do espaço escolar e dos corpos das crianças. No Instituto Pedagógico Campinense, a implementação do ensino de Educação Física aos docentes e discentes foi a maneira encontrada para melhor disciplinar a mente e o corpo⁸ dos mesmos. Essa preocupação em “cultivar” o corpo pode ser compreendida como uma estratégia para evitar possíveis desvios de conduta, daqueles que seriam os futuros cidadãos campinenses.

Do ponto de vista metodológico, a análise do discurso nos auxiliou analisar as fontes enquanto um “documento-monumento” a ser problematizado. Partilhando do conceito de discurso de Foucault, os historiadores buscam investigar “não o que está por trás dos textos e documentos, nem o que se queria dizer com aquilo, mas sim descrever quais são as condições de existência de um determinado discurso, enunciado ou conjunto de enunciados” (FISCHER, 2001, p.25).

Essa monografia foi escrita tendo por base a análise de fontes que tratam do ensino da Educação Física em Campina Grande, na década de 1930. O primeiro contato com essas fontes ocorreu quando visitamos a biblioteca Àtila de Almeida, acervo documental que pertenceu ao colecionador Àtila de Almeida, que colecionava livros, anuários, jornais, cordéis e revistas que

⁸ De acordo com Alain Corbin (2008), “O corpo ocupa um lugar no espaço”.

dizem respeito à História da Paraíba e de Campina Grande. Dentre esse conjunto de documentos encontra-se os exemplares da revista *Evolução*, que serviu de guia para começarmos a pesquisar o ensino da Educação Física.

Outras fontes que também auxiliaram na escrita desse trabalho foram os jornais que circularam no Estado no período estudado, a exemplo, do *Evolução - Jornal* (1934) publicado pelo Instituto Pedagógico Campinense, e os exemplares da revista de *Ensino* do Estado da Paraíba. Além dos jornais *O Educador* (1932), *A União* (1920) e o *Brasil Novo* (1931), essas fontes foram utilizadas buscando fundamentar as discussões propostas na escrita deste trabalho. Nesse sentido, entendemos que é dever do pesquisador compreender as circunstâncias, o local, à época, e em que relações de poder e saber circularam determinados discursos contidos nas páginas de determinadas revistas e jornais. Para Derrida “Se um dado discurso foi publicado num dado veículo de comunicação é fundamental nos perguntamos por que isso ocorreu, a que redes de poder e de interesses está ligado esse órgão de comunicação, que relações mantêm com o autor do discurso” (DERRIDA, *apud*, ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.238). “Os discursos que nos chegam vêm condicionados pelas instituições que os produziram e os guardaram ou acolheram [...] Nenhum discurso que chegou até nós foi guardado inocentemente, por acaso” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 239).

Com a ascensão da República, a educação no Brasil estava na ordem do dia, e era urgente a participação de todos. A escola passou a ser pensada a partir de múltiplos olhares, o estado passa a investir na construção de escolas arejadas, ventiladas, ambientes mais claros, onde a luz do sol e o vento pudessem ter acesso livre para possibilitar a educação do corpo, nas aulas de Educação Cívica, Educação Física, dentre outras. A formação do homem integral passou a ser alvo de discursos que regulavam o comportamento dos indivíduos que estavam envolvidos no processo educacional (NASCIMENTO, 2013, p.2).

Face ao exposto, procuramos, neste trabalho, respostas para as seguintes interrogações: Qual a importância do ensino de Educação Física no Instituto Pedagógico Campinense durante os primeiros anos de sua criação? Que discursos legitimaram a inserção do ensino de Educação Física na década de 1930 nos currículos das instituições de Ensino de Campina Grande? Como o ensino de Educação Física, produzido no Instituto Pedagógico Campinense, na década de 1930, idealizou um modelo de homem e de mulher para fortalecer uma ordem social civilizatória? Quais as prescrições presentes no ensino de Educação Física que diferenciavam as práticas esportivas para o homem e para a mulher?

A História do ensino de Educação Física do Instituto Pedagógico Campinense será relatada ao longo deste trabalho em três capítulos, denominados de “Exercícios”, em uma analogia à prática de atividades físicas e aos movimentos que os praticantes de Educação Física fazem ao alongarem o corpo. Cada título e epígrafe que dá início aos capítulos desta monografia foram retirados do artigo *Cultura Física: para a família campinense*, escrito pela professora normalista do Instituto Pedagógico Campinense Francisquinha Amorim, e publicado no terceiro número da revista *Evolução*⁹ do ano de 1931.

O primeiro é intitulado de “I – Exercício - “Um espírito são, em um corpo são’: o ensino de Educação Physica e Higiene como modeladora de corpos robustos e sadios” e consiste em uma análise das práticas do ensino de Higiene e Educação Física que circulou nas principais escolas brasileiras durante as primeiras décadas do século XX, como um processo chamado de medicalização e disciplinarização do espaço escolar e dos corpos das crianças. E como esses discursos adentraram às escolas paraibanas e, conseqüentemente as de Campina Grande.

No “II – Exercício - “Cultura Física: para a família campinense’: a circulação do ensino de Educação Gymnastica no Instituto Pedagógico Campinense” analisamos os discursos que circularam em Campina Grande nas primeiras décadas do século XX, para implantar, nas instituições de ensino da cidade, o ensino de Educação Física, como parte de um projeto modernizador e civilizatório, tendo como eixo norteador a prática do ensino de Educação Física, que buscava educar, disciplinar, higienizar, modernizar e civilizar os filhos da Pátria.

No “III – Exercício - “Cultura Physica para o sexo feminino’: práticas e relações de gênero nas aulas de Educação Physica” discutiremos como no Instituto Pedagógico Campinense, o ensino de Educação Física e as práticas esportivas diferenciavam-se entre o sexo masculino e o feminino.

Esses são os caminhos que trilhamos neste trabalho monográfico. Ao leitor faço o convite para que o mesmo se sinta à vontade para adentrar na História da Educação Física, no Instituto Pedagógico Campinense, na cidade de Campina Grande na década de 1930, conhecendo e fazendo parte da vida dos muitos sujeitos históricos que fizeram parte dessa História.

⁹ Ver revista *Evolução* nº3 1931.

I - EXERCÍCIO

“UM ESPIRITO SÃO, EM UM CORPO SÃO”: O ENSINO DE EDUCAÇÃO PHYSICA E HIGIENE COMO MODELADORA DE CORPOS ROBUSTOS E SADIOS.

‘Deve-se fazer do corpo robusto e sadio, um instrumento de aperfeiçoamento para a alma’.

A educação moral não prescinde da educação física. Quem se habitua ao exercício corporal, sabe pautar seus atos; vence nas maiores dificuldades; não retrocede; em síntese, vive bem (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, Nº 3, p. 26).

Neste capítulo objetivamos problematizar as práticas do ensino de Educação Física e Higiene¹⁰ que circularam nas escolas de Campina Grande, durante as primeiras décadas do século XX, como parte de um processo chamado medicalização e disciplinarização do espaço escolar e dos corpos das crianças. Alcançar uma mente perfeita, detentora de conhecimentos e capaz de formar opiniões: esses eram alguns dos muitos benefícios que a prática da “cultura física” trazia ao corpo das crianças e jovens que praticam atividades físicas. O ensino de Educação Física era o caminho a ser percorrido por quem desejava um corpo e uma mente fisicamente capaz. O desenvolvimento intelectual mantém relação direta com a formação física. Era nessa linha de raciocínio que os preceitos físicos eram vistos por quem desejava praticar atividades físicas nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

De acordo com Ghiraldelli Júnior (1991), quando recorremos à História da Educação Física no Brasil, nos deparamos com “cinco tendências da Educação Física brasileira: a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Física Pedagogista (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós-64); e finalmente, a Educação Física Popular” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.16). Nesse trabalho monográfico, nosso interesse parte da problematização de apenas duas tendências, que se encaixam no recorte de nossas pesquisas: a Educação Física Higienista, vinculada ao movimento Higienista e a Educação Militarista, com o objetivo de levar a juventude do país a suportar o combate, a luta, e a guerra.

As duas tendências supracitadas fazem parte de um projeto medico-higienista que circulou na sociedade brasileira ainda durante a segunda metade do século XIX e continuou

¹⁰ Neste trabalho optamos por manter a grafia Educação Física e Higiene com letras maiúsculas tal qual aparece na maior parte de nossas fontes e historiografia pesquisada.

vivo na mentalidade dos brasileiros por quase toda a primeira metade do século XX com o intuito de educar os corpos dos futuros filhos/as da Nação. Foi sem dúvida sobre o corpo das crianças que os cuidados medico-higienistas foram depositados com maior intencionalidade, como veremos mais adiante no decorrer de nossa narrativa.

A preocupação em torno da Educação Física Higienista toma como direcionamento a questão da saúde em primeiro lugar. O grande papel dessa disciplina está relacionado com formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos a servir a Nação. Os cuidados começavam ainda durante os primeiros anos de vida das crianças, quando essas adentravam o espaço escolar, garantindo assim seu futuro sadio. “A Educação Física Higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.17). A ginástica, os esportes, os jogos contribuíam para a disciplina e higiene dos hábitos das pessoas. Essa disciplina atingia a robustez corporal da juventude e o saneamento público, prescrevendo e livrando a sociedade de doenças contagiosas.

A Educação Física Militarista passou a ser melhor divulgada em meio à sociedade brasileira durante o governo de Getúlio Vargas¹¹, com um caráter eminentemente militarista essa disciplina tinha por finalidade a formação do físico e do caráter do jovem brasileiro. O corpo desse jovem, devia estar preparado fisicamente para o combate militar e a representatividade da Nação. Nessa concepção de Educação Física, a ginástica, os esportes, e os jogos só possuíam utilidade se contribuíssem para a eliminação das incapacidades físicas. “A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada compõe a plataforma básica da Educação Física Militarista” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.18).

No início do século XX, os brasileiros presenciaram a emergência de uma nova “cultura escolar”, “as crianças tornam-se alvo de uma permanente tentativa de controle de seus movimentos nos espaços e tempos escolares” (VAGO, 2002, p.125). Pela administração escolar foram muitas as tentativas de encontrar o modelo ideal de disciplina das crianças. Tarcísio Mauro Vago (2002), em seu livro *Cultura Escolar, Cultura de Corpos*, discute o conceito de “cultura escolar” referindo-se a um conjunto de saberes, normas e práticas transmitidas e incorporadas de acordo com diferentes objetivos escolares, demonstrando como as instituições promoviam a prática da Educação Física das crianças. A “cultura escolar” representava a cultura dos corpos.

¹¹ A “Era Vargas”, ou “governo ditatorial de Getúlio Dorneles Vargas, compreende as décadas de 1930 e 1940, ou mais precisamente, desde o governo em caráter provisório de Vargas a Presidência da República iniciado em outubro de 1930, passando pelo período constitucional de 1934 a 1937 e seguindo-se o período ditatorial estadonovista, localizado entre 1937 e 1945, quando Vargas é deposto do poder” (CORRÊA, 2006, p.2).

A construção de um corpo robusto e sadio era um dos muitos benefícios proporcionados pela prática da Educação Física que, aliada com o ensino de Higiene, remodelava e transformava corpos até então raquíticos, débeis, mal desenvolvidos, sem higiene ou seja, aqueles considerados perante a sociedade, sem capacidades físicas e higiênicas.

Um dos muitos objetivos da prática da Educação Física era a educação e produção de sujeitos disciplinados e higienizados. Para almejar tais metas, as autoridades responsáveis pela educação nas mais diferentes regiões do país, realizaram uma cruzada com o objetivo de educar fisicamente as crianças dentro das escolas, repassando esse saber ao ambiente doméstico. A escola passa a ser o espaço ideal para a disseminação dos mais diferentes discursos em torno da causa da educação.

Alcir Lenharo (1986), em seu livro *A sacralização da política*, afirma que no início do século XX no Brasil, o corpo passa a estar na ordem do dia e é sobre ele que estão voltadas as atenções de médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições como o exército, a igreja, a escola, os hospitais. Todos donos de um mesmo discurso no qual a Educação Física da criança era o objetivo maior a ser alcançado. “De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transforma-la passava necessariamente pelo trato com o corpo como recurso de se alcançar toda a integridade do ser humano” (LENHARO, 1986, p.75). Para Lenharo,

A importância do trato do corpo é crucial para uma sociedade que se vê somatizada; a saúde, a força do corpo é a sua saúde e sua força estimadas. A projeção mesma de uma parte física e equilibrada com a espiritual dimensiona um conjunto social equilibrado, no qual as tensões e conflitos ficam fora de lugar pela natureza singular de sua constituição. Afinal, um projeto articulado de corporativização avança nos anos 30 e a imagem do corpo humano impunha-se como necessariamente positiva e acabada para o conjunto da sociedade (LENHARO, 1986, p.79).

A produção de corpos fortes, dóceis e capazes de atender as demandas de um país civilizado e moderno, era o desejo dos brasileiros responsáveis por fazer funcionar o sistema educacional do país. Foi sobre o corpo da criança e dentro da escola que educadores, higienistas, médicos e engenheiros realizaram campanhas com a intenção de transformar a realidade daqueles corpos, que, em um futuro próximo, ocupariam o lugar de representantes da Pátria. Segundo Pykosz e Oliveira,

Nas três primeiras décadas do séc. XX, o que se viu foi uma verdadeira cruzada higiênica que mobilizou médicos, educadores, engenheiros e todos aqueles ligados de alguma maneira a causa da instrução pública. O movimento pela renovação pedagógica e da antropologia, principalmente, a higiene como corpo doutrinário ganhou espaço no âmbito escolar. Daí as iniciativas em torno da sua implantação nas Escolas Normais, nas quais podemos localizar

temas ou disciplinas tais como a própria Higiene, a Puericultura/ Paidologia, Trabalhos Manuais, Prendas Domesticas, entre outras (PYKOSZ & OLIVEIRA, 2009, p.136).

No começo do século XX, a divulgação de práticas higiênicas foi decisiva na busca da formação de um corpo harmônico. Isso ocorria quando as capacidades físicas e mentais estavam em comum acordo. Uma não podia, em hipótese alguma, se sobressair à outra, causando descontroles físicos e mentais. A disciplina de Higiene foi a responsável pela transformação nos hábitos higiênicos dos alunos/as. Ao lado da disciplina de Higiene a de Educação Física passa a atuar diretamente na formação das crianças. As instituições de ensino adotam essas duas disciplinas como maneira de formar os futuros representantes da Nação brasileira. A educação do corpo fazia parte de um programa de renovação pedagógica.

Os cuidados com o que as crianças faziam transformaram em uma das grandes preocupações por parte dos profissionais responsáveis, direta e indiretamente, pela educação escolar. Nesse movimento, a educação das crianças, da mulher, da família e da sociedade passa a ser de responsabilidade da escola, espaço esse que dissemina as pretensões de progresso e civilização do país, a exemplo do que já vinha ocorrendo na Europa. É sobre a criança que é pensada e articulada uma educação do corpo. Essa educação ocorria de acordo com as práticas de higiene, justificava-se sua necessidade em virtude dos costumes anti-higiênicos, e impróprios que as crianças adquiriam em casa e na rua e traziam para o convívio com as outras crianças na escola. A Educação Higiênica e Física buscava romper com hábitos incivilizados.

O historiador Iranilson Buriti de Oliveira (2002), afirma que “a educação física foi pensada por educadores como uma prática que modificava os hábitos das crianças e dos jovens, fabricando um corpo saudável e reprodutor de uma sociedade sã, somando-se à educação moral e cívica”. A educação intelectual cria então, a ideia de que o sujeito instruído é o melhor, possuindo uma maior capacidade cognitiva que aqueles que não frequentam a escola. Sendo assim, segundo Oliveira, a partir de um,

[...] projeto higiênico-pedagógico, a escola moderna investiu na inteligência do infante, desenvolvendo uma educação moral, coordenada com a educação intelectual e a educação física, enquadrando o corpo e a mente do aluno num ideário disciplinar da República brasileira. Corpo disciplinado era sinônimo de nação polida, desavenças políticas amenizadas. O colégio, as escolas ambulantes, os grupos escolares e as escolas normais eram construídos para instruir, formar para a cidadania, trabalhar o desenvolvimento do “homem ideal” (OLIVEIRA, 2002, p.236).

Pode-se a partir desta afirmação inferir que a Educação Física tinha como inimigas a preguiça e a moleza, parte dos praticantes de atividades físicas possuía um corpo disciplinado,

saudável e belo fisicamente; os gestos são mais educados, ocorre um maior e melhor controle da alimentação e a lapidação da mente. Quem pratica exercícios físicos regularmente adquire bons hábitos físicos, morais e higiênicos, não apenas dentro das escolas mas também no lar, “assegurando ao corpo aquilo que foi chamado de ‘higiênico’. Respirar bons ares, bronzear o corpo à luz do sol e alimentá-lo com sabedoria, ingerindo comidas saudáveis” (SOARES JÚNIOR, 2011, p.183). A disciplina de Educação Física foi responsável por trazer para os espaços escolares o desejo de aquisição de corpos saudáveis, transformando os corpos das crianças até então “raquíticos, débeis e fracos”, em corpos mais fortes, higiênicos, belos, robustos, e capazes de desempenhar e aproveitar, no cotidiano, as atividades escolares. O cuidado com as crianças era parte de um programa médico-pedagógico que as escolas nas primeiras décadas do século XX passaram a adotar como principal meta.

Neste cenário do final do século XIX até o início do XX a presença do médico na escola passou a ser vista e sentida com mais frequência. Esse profissional da saúde agia combatendo moléstias, desvios de conduta, receitando medicamentos, prevenindo doenças, deformações e desvios de partes do corpo. O médico era portador de inestimável prestígio acadêmico e social. Dentro ou fora da instituição médica, seu “saber-poder” era inquestionável, sua palavra se fazia dizer, ouvir e respeitar. Para alguns era preciso parar e ouvir o que o médico tinha a falar. Quando o assunto era relacionado a preservação e manutenção da saúde ninguém o questionava, tamanho era o seu conhecimento científico. Sua palavra depois de ouvida devia ser seguida. Nas primeiras décadas do século XX a presença desse profissional fez parte da realidade de boa parte das escolas brasileiras.

Na cidade da Parahyba¹² capital do Estado, o modelo de Educação Física adotado “foi efetivado como uma preocupação da elite que almejava assegurar a saúde de seus filhos educando-os em escolas privadas” (SOARES JÚNIOR, 2012, p.4). Até a década de 1930, “apenas as escolas de orientação católica possuíam em seu currículo a disciplina de educação física associada ao ensino de higiene” (SOARES JUNIOR, 2012, p.4-5). Em Campina Grande, cidade localizada no interior do Estado e conhecida pelo seu poder econômico e político, nas décadas de 1920 e 1930, o ensino de Educação Física e Higiene já fazia parte do currículo do Instituto Pedagógico Campinense, como aparece nos exemplares da revista *Evolução*¹³. O

¹² Até 1930 a capital do Estado hoje de nome João Pessoa se chamava Parahyba. A mudança de nome para João Pessoa se deve à morte do político e governador do Estado em 1930, João Pessoa. Uma série de manifestações realizadas por intelectuais, políticos e populares contribuíram para que a cidade tivesse seu nome mudado para João Pessoa em homenagem ao governador do Estado, nome esse que permanece até os dias atuais.

¹³ Ver os exemplares da revista *Evolução* que se encontram na Biblioteca Atila de Almeida na reitoria da Universidade Estadual da Paraíba campus I de Campina Grande.

Instituto era administrado pelo Tenente Alfredo Dantas que era adepto do protestantismo¹⁴. Ainda durante a década de 1910, em algumas escolas do Estado, são adotadas as disciplinas de “*Hygiene e Educação Physica*. Tinha início, naquele momento, o processo chamado de medicalização da escola” (SOARES JÚNIOR, 2011, p.179). Nesse momento, a educação destinou-se aos cuidados com o corpo da criança, de homens e mulheres passaram, no espaço escolar, a fazer parte do projeto de medicalização da escola, educação higiênica e moralização dos costumes. Nas palavras de Soares Júnior,

A escola tornava-se um lugar de disseminação do saber médico, das normas de civilização e moral que doutrinavam corpos, faziam inculcar novos hábitos e viam na infância o lugar correto para essa prática. A medicalização do espaço escolar e do aluno na Paraíba ocorreu quase que simultaneamente (SOARES JÚNIOR, 2011, p.179).

Na Paraíba, o discurso médico atuava tanto sobre o corpo do/a aluno/a como dentro do espaço escolar. A arquitetura da escola foi construída para controlar os corpos das crianças. “Por meio dele, a criança teria suas primeiras noções de conhecimento do próprio corpo, além da sua experiência imediata, a partir da experimentação das estruturas arquitetônicas” (PYKOSZ & OLIVEIRA, 2009, p.149). Nas escolas os movimentos das crianças eram vigiados, evitando os contatos indesejáveis. Os corredores, as salas de aula, o mobiliário escolar, o material didático, cumpriam um papel determinante na maneira de educar, ler, escrever, sentar, exercitar, se mover, até mesmo no locomove-se no interior da sala de aula. Tudo chamava a atenção do inspetor escolar que, atento aos movimentos das crianças, as corrigia evitando gestos indisciplinados.

A mobília escolar chamava a atenção do médico higienista devido à sua importância na correção de hábitos viciosos: as carteiras mal projetadas poderiam ocasionar deformações na coluna das crianças, que passavam longas horas sentadas na mesma posição prestando a atenção e copiando os exercícios. Os/as professores/as buscavam distribuir os móveis tentando evitar uma maior aproximação entre os discentes. A falta de atenção na aula influenciava no rendimento escolar, por isso era preciso uma boa distribuição da turma, facilitando a disciplina e vigilância. Um discente bem comportado na escola era sinal de filho disciplinado e obediente em casa. A escola era capaz de produzir corpos educados e produtivos. De acordo com Guacira Lopez Louro,

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo

¹⁴ A respeito da religião protestante do Tenente Alfredo Dantas consultar os exemplares da revista *Evolução*.

disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas (LOURO, 2010, p.21).

No cotidiano escolar o corpo da criança produz gestos e comportamentos diversos. Por isso era preciso, também, vigiar os movimentos das crianças fora das salas de aula, nos pátios, refeitórios, áreas de circulação e nos laboratórios. A disciplina se fazia necessária e constante, era preciso controlar e corrigir os desvios de conduta. “A prática dos recreios e da ginástica era defendida como imprescindível para evitar a estafa mental que poderia ser causada por seções consecutivas de atividades intelectuais” (PYKOSZ & OLIVEIRA, 2009, p.149). Nessa empreitada, a medicina tem um destaque nunca antes visto no que diz respeito às práticas educativas. A escola torna-se o espaço de atuação de muitos médicos preocupados com as questões da Higiene escolar. A esse respeito Soares Júnior, destaca que,

Dentro da escola, foram tomadas medidas de higiene para a educação do corpo do aluno com a finalidade de conduzi-lo a uma civilização dita saudável, forte, vigorosa, ordenada, higienizada. Uma educação que abriria espaço para a inserção da medicina no ambiente escolar, uma vez que se percebia a escola primária como principal foco de ação daquele serviço considerado profilático. Essa educação visava romper com hábitos ditos impróprios trazidos de casa. A criança deveria aprender bons modos na sala de aula e levar esses hábitos para o espaço do lar, atuando, assim, como educadores de seus familiares. Eram depositadas nos alunos, no ambiente escolar, as regras de higiene, saúde, civilidade, etiqueta, modos, etc., como espaço de socialização infantil. Dessa forma, criavam crianças “bem educadas”, que disseminavam, em suas casas, os manuais de boa conduta higiênica. O investimento do projeto de medicalização da escola recaía sobre as crianças, pois estas seriam a nação do futuro. Foi através de normas disciplinares de higiene que as crianças passaram a ser educadas (SOARES JÚNIOR, 2011, p.180).

No cuidado com o corpo das crianças os esforços não podiam ser poupados. Dentro do espaço escolar os sujeitos vivenciavam, em seu cotidiano, mudanças com a incorporação nas grades curriculares das disciplinas de Higiene e Educação Física. Os responsáveis pelo ensino adotaram medidas com a finalidade de higienizar o aluno/a conduzindo-o/a “a uma civilização saudável, forte, vigorosa, ordenada, higienizada” (SOARES JÚNIOR, 2002, p.146). A nova prática educacional tinha por finalidade retirar do aluno/a, as práticas cotidianas adquiridas em espaços indesejáveis à sua educação.

Portanto, “a criação das disciplinas de Higiene e Educação Física foi fruto desse debate, buscando disciplinar os corpos, criar gerações sadias e desempenhar uma forte formação moral” (SOARES JÚNIOR, 2002, p.148). Os exercícios físicos buscavam retirar do corpo dos discentes a preguiça constante, tornando-os seres mais aptos às práticas físicas. A disciplina das

crianças trazia inúmeros benefícios, dentre eles a redução de doenças, a educação alimentar, dos gestos, da mente cultivando um corpo, acima de tudo belo, e “higiênico”. Eram novas práticas que tinham que ser incorporadas na formação dos futuros cidadãos paraibanos. Assim,

[...] no início do século XX, essa disciplina indicava um componente que buscava se legitimar enquanto um saber pedagógico de tipo novo, moderno, experimental e científico. Um formato de cultura física que nas primeiras décadas do século passado preocupou-se com a ortopedia enquanto arte da correção das deformações que assombravam os setores privilegiados da sociedade. O interesse da disciplina estava diretamente ligado às práticas higiênicas, aos hábitos e à saúde, valorizando o desenvolvimento físico e moral a partir dos exercícios (SOARES JUNIOR, 2012, p.2).

As aulas de Educação Física buscavam corrigir as deformações físicas, retirando práticas tidas como anti-higiênicas, ou maus costumes, que prejudicassem os bons hábitos e a boa saúde física e mental. Nas páginas da revista do *Ensino do Estado da Paraíba*¹⁵ de Setembro de 1933, observamos uma reportagem com o título *Os nossos estabelecimentos de ensino*, no qual, as alunas do Grupo Escolar Epitácio Pessoa, se encontram no pátio da escola em rotineira aula de Gymnastica. Na imagem abaixo, vemos parte dos exercícios físicos que as alunas tinham à disposição em sua formação física. Atentemos para os exercícios:



IMAGEM 01: “Os nossos estabelecimentos de ensino ‘alunas do Grupo Escolar “Epitácio Pessoa” – uma aula de Ginastica”.

FONTE: (REVISTA DO ENSINO, 1933, nº 6-7, p. 41).

¹⁵ A revista do *Ensino do Estado da Paraíba* aqui referenciada se encontra na Biblioteca Atila de Almeida, na reitoria da Universidade Estadual de Campina Grande – UEPB campus I.

Nos exercícios físicos é nítida a preocupação com a harmonia e disciplina do corpo. É importante atentarmos para os detalhes nas roupas usadas pelas alunas durante as aulas. “As roupas devem ser folgadas e leves, de preferência um calção acima dos joelhos” (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p.7). Havia uma tendência no uso de uniforme padrão, todas as alunas tinham à disposição a mesma roupa, com o mesmo tecido e formato, consequentemente, facilitando o desenvolvimento dos movimentos nas atividades. Esse fator também se deve ao caráter militar presente nas preocupações físicas desse período. Os militares, como veremos um pouco adiante em nossa escrita, atuavam sobre a prática da Educação Física com grande prestígio e importância. Assim, concordamos com as formulações de Soares a respeito das roupas usadas nos exercícios físicos de algumas instituições de ensino brasileiras nas primeiras décadas do século XX: segundo a autora “Seria possível afirmar que, nos anos de 1920, as roupas emolduravam as formas corporais de um modo muito mais intenso e contribuíram para a transformação de valores morais e estéticos” (SOARES, 2011, p.87). Mais uma vez recorrendo ao historiador Soares Júnior, vemos que na Paraíba,

[...] a partir da década de 1910 as escolas privadas católicas – Colégio Pio X, Colégio de Nossa Senhora das Neves-, e a Escola Normal já possuíam a disciplina de educação física, com roupas apropriadas para tais exercícios, além do mais, passou a ser comum o desfile de corporações, bem como, a realização de exercícios físicos por parte de bombeiros e policiais em frente às escolas, na intenção de mostrar aos alunos os modelos de corpos belos e saudáveis a ser seguido (SOARES JÚNIOR, 2012, p.4).

As roupas destinadas à Educação Física, também eram meios pelos quais era legitimada a disciplina dos corpos. Foucault se refere à disciplina enquanto um dispositivo que “[...] dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado a inércia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita” (FOUCAULT, 2010, p.133-134). Ao analisarmos os detalhes da imagem em que as alunas do Grupo Escolar João Pessoa, aparecem praticando exercícios *gymnásticos*, percebemos que as mesmas encontram-se distribuídas em filas bem organizadas pelo instrutor responsável pelo ensino da disciplina na instituição, contribuindo para uma melhor disciplina de seus movimentos.

Nas aulas de Educação Física, a organização dos discentes em fileiras era indispensável, para se manter a boa ordem. Partilhando dos conceitos teóricos formulados por Foucault (2010), percebemos que a disciplina é responsável por executar a distribuição dos corpos dos indivíduos no espaço, através de técnicas, como a fila. Essa técnica é normalmente utilizada em instituições como escolas, quartéis, hospitais, fabricas e asilos, facilitando a observação, a vigilância e o

controle dos sujeitos. A fila representa uma técnica de poder disciplinar. Sousa e Menezes (2010), discutindo o conceito de poder disciplinar formulado por Foucault, dizem que:

As fileiras transformam o espaço em que são individualizados os corpos de forma organizada e homogênea, em uma ordem que além de localizá-los, os distribuem no espaço de maneira que exista também uma relação com os outros, por exemplo, organizando-os por ordem de tamanho ou pela separação de meninos e meninas em duas filas (SOUSA & MENESES, 2010, p.27).

Os discentes eram organizados ocupando espaços apropriados à sua idade e sexo. O espaço, sendo melhor distribuído, funciona como um dispositivo disciplinar determinando o lugar a ser ocupado por cada um, auxiliando o docente no decorrer da aula, levando a um melhor aproveitamento do tempo. Assim, a “divisão do espaço, possibilita uma hierarquização de vigilância e recompensa. Dessa forma, torna possível controlar todos os alunos/as e, ao mesmo tempo, quantificar as atividades desenvolvidas na sala de aula” ou no pátio das escolas quando se trata do ensino de Educação Física (SOUSA & MENESES, 2010, p.27).

O professor Aluizio Xavier publicou um artigo na revista do *Ensino*, discutindo os benefícios atribuídos à prática da Educação Física. A publicação é intitulada *Educação Physica*, e está localizada no número quatorze, de Dezembro de 1936. Conforme Xavier,

A gymnastica diária tornou-se necessária para educar o nosso systema nervoso, equilibrar a saúde e manter a força. A educação physica supõe-se erradamente ter o único fim de desenvolver o musculo, quando esta cultura é apenas o meio, enquanto que o fim a atingir é a educação do systema nervoso. A gymnastica, em todos os países civilizados, adquiriu uma importância de ordem tal que se não pode conceber educação alguma sem a sua participação [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p.7).

A finalidade do ensino de Gymnastica não se limitou à formação de homens e mulheres fortes e musculosos. Também a função de “educar o nosso sistema nervoso”. A formação física e intelectual caminhava juntas e era dever das escolas ofertarem aos seus discentes o ensino dessa disciplina. “Devemos encará-la como uma matéria superior de regenerar physica, moral e intelectualmente os indivíduos, enquanto tonifica e disciplina-lhes o systema nervoso e orienta-lhes as funções cerebrais” [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p.7). Abaixo seguem algumas regras que os praticantes dos exercícios físicos deveriam seguir ao praticar os exercícios físicos:

Regras geraes para a execução dos exercícios physicos:

- Praticar os exercícios de preferência pela manhã, depois de uma leve refeição;
- Se o tempo permitir, fazê-los ao ar livre, e sendo dentro de casa com as janelas abertas;

- Executar os movimentos com perfeição, com cuidado; cada movimento, cada contração muscular deve ser levada ao máximo possível, com decisão, mas sem movimento brusco;
- Devemos terminar a série de gymnastica sem sentir-se cansaço, e sim sensação de bem estar; depois de cada série de movimentos, se ficar um pouco afogante, repetir o exercício respiratório, e respirar calma e profundamente, até voltar a respiração ao estado normal;
- Cada movimento deve ser repetido um certo número de vezes 4, 8, 16, 20 vezes de acordo com o maior ou menor esforço que demandam e com a disposição e bem estar do indivíduo;
- Os movimentos rápidos menos: o salto, a marcha e a carreira, devem ser rithimados pelos movimentos naturais de respiração (expiração e inspiração), movimentos estes que devem acompanhar harmonicamente os outros;
- Durante os exercícios, é necessário respirar francamente e não reter a respiração;
- Começar pelos exercícios mais fracos para si, e não pelos muito fortes, o valor do movimento muscular está na repetição deles e não na força com que são feitos;
- Tomar um banho frio, depois de executada a série de gymnastica;
- Os movimentos devem ser executados de um modo completo e continuo;
- Começar e terminar cada lição por uma marcha rythmada [Sic.] (Grifos nosso). (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p.10).

As regras faziam parte de um conjunto de normas que deviam ser seguidas na busca de um corpo harmônico. O não cumprimento de algumas dessas regras podia acarretar desequilíbrio físico e mental, provocado pela falta, ou mesmo exagero das práticas físicas. Os adeptos dos exercícios físicos que seguissem à risca tais conselhos alcançavam o desenvolvimento físico desejado. De acordo com as regras postas acima, os exercícios físicos, de preferência, devem ser realizados seguindo uma sequência de normas e cuidados para a manutenção de um corpo belo e forte fisicamente, mas também, e principalmente, com capacidades intelectuais.

Os praticantes de atividades físicas deviam adotar uma série de cuidados quando fossem realizar certas atividades, por exemplo: horário adequado, evitando períodos quentes com grande incidência de sol; ao ar livre, de preferência em jardins ou nos pátios das escolas quando fosse o caso de período escolar; se praticado dentro de um espaço fechado, manter as janelas sempre abertas, facilitando a circulação do ar, a oxigenação e higienização do ambiente; não fazer movimentos bruscos e nem muito rápidos, executá-los com precisão, todos ao mesmo tempo; após cada sessão de exercícios pararem e respiram profundamente até que a respiração volte ao normal, isso é importante, antes de continuarem outros exercícios. Todos os exercícios devem ser executados um determinado número de vezes.

Quanto aos movimentos rápidos, esses não devem ser executados um grande número de vezes consecutivas. Jamais prender a respiração, e sim respirar calmamente sem reter o ar nos

pulmões. Os praticantes de exercícios físicos devem começar a praticarem os exercícios *gymnasticos* pelos mais simples, para depois passarmos aos mais difíceis; o benefício de tais exercícios está em sua repetição e não na força com os quais praticamos. É necessário que as pessoas, após uma série de *Gymnastica*, tomem um bom banho frio. O importante é que pratiquemos os movimentos de maneira continua, só assim podemos alcançar os resultados desejados. Essas são algumas das lições passadas aos praticantes de Educação Física. Nas ilustrações abaixo vemos como esses exercícios deviam ser realizados na prática. Cada desenho representa um determinado tipo de exercício. As ilustrações são da revista do *Ensino* do Estado da Paraíba. Visualizamos movimentos a serem realizados com o corpo,

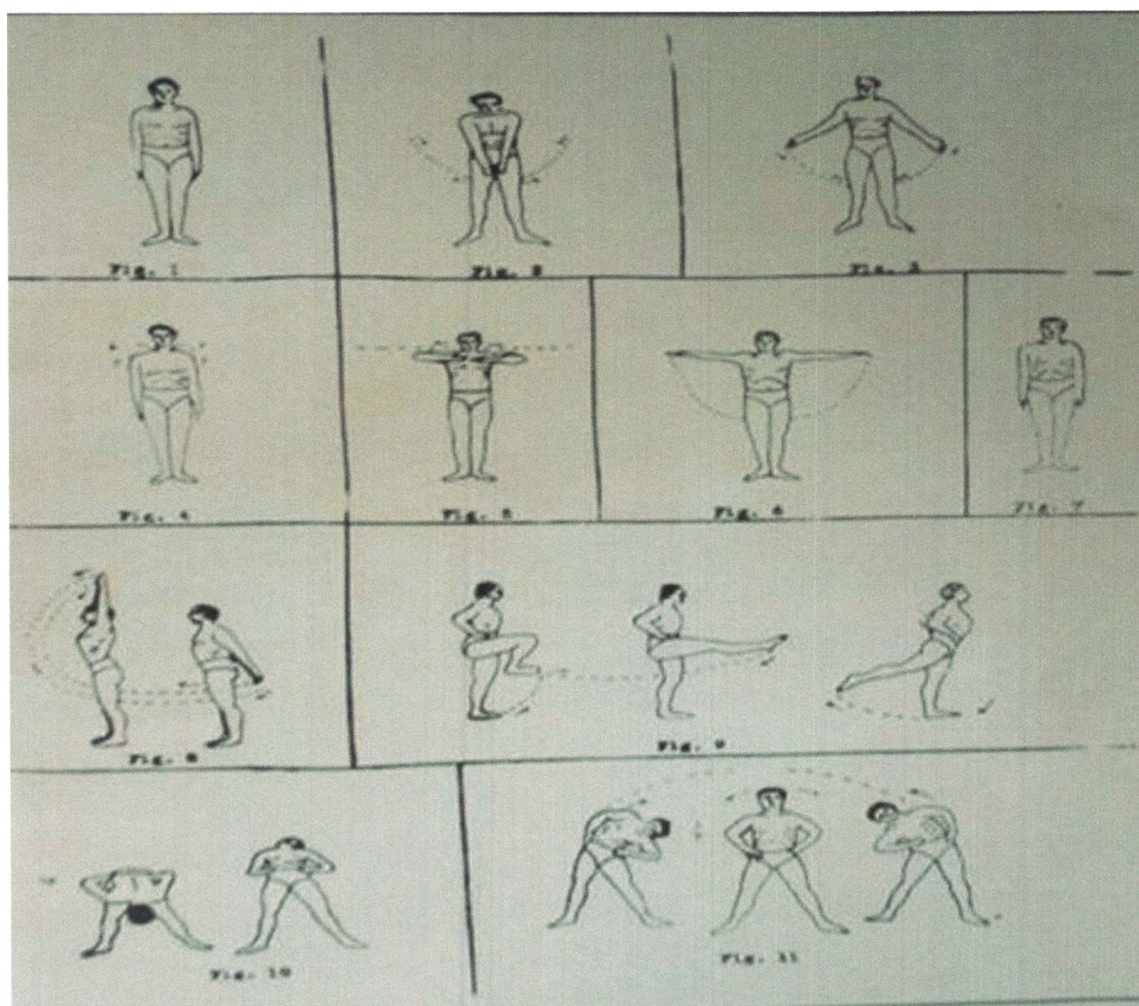


IMAGEM 02: “EXERCÍCIOS EDUCATIVOS”
FONTE: (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº 14, p. 11).

Além de textos, a revista do *Ensino* recorria a imagens e ilustrações como forma de melhor instruir seus leitores praticantes de exercícios físicos, principalmente os professores de escolas públicas e particulares do Estado da Paraíba. Na imagem acima temos inúmeros níveis e tipos de exercícios físicos. Para Soares Júnior, esse tipo de publicação faz parte da

‘[...] divulgação de um saber dito “científico e pedagógico” que criou discursos normativos, publicados diariamente nos jornais e revistas em circulação pelo estado. São textos marcados pela intencionalidade de disciplinar mentes e corpos, divulgar suas virtudes benéficas para a infância e educar uma população que, de acordo com os médicos sanitaristas, precisava ser higienizada (SOARES JÚNIOR, 2012, p.2).

Essa foi a maneira encontrada pelos governantes, educadores e médicos para disciplinar parte da população, tornando-os: crianças, jovens, adultos e idosos saudáveis, fortes e melhor preparados para o mundo do trabalho. Essa era parte dos discursos destinados aos homens. Em relação às mulheres as preocupações eram outras: com a intenção de educá-las, de acordo com as noções de uma sociedade burguesa, as meninas deviam receber uma educação voltada para o lar, se detendo aos benefícios oferecidos pelos comportamentos pessoais e às costumeiras atividades de canto, piano, bordado, higiene e às atividades físicas que auxiliassem em sua postura ao sentar, comer e falar em público. Uma educação doméstica, acima de tudo. Era importante uma educação que incluísse parte desse desejo que marcava presença em toda sociedade dita moderna. “Para tal empreitada, usava-se o discurso em voga na época: uma sociedade moderna. Aquela que cuide de si, que vê nos exercícios físicos a manutenção da saúde e o desenvolvimento da beleza” (SOARES JÚNIOR, 2012, p.3).

Era sobre a criança que se depositavam as esperanças de um país melhor educado, higiênico e disciplinado. No primeiro número da revista do *Ensino* de 1932, é publicado o artigo a *HYGIENE ESCOLAR* de autoria de Joaquim Santiago, o autor defende os benefícios da prática do ensino de Higiene nas escolas do Estado, como uma forma de melhor educar o corpo das crianças. Vejamos o que diz o autor a esse respeito,

Um dos problemas mais importantes do nosso ensino, é, sem dúvida nenhuma, a educação hygienica dos nossos jovens escolares.

Formar uma raça forte, capaz e digna da nossa estremecida Pátria, deve ser o grande e veemente anseio daqueles que têm a responsabilidade dos destinos da nacionalidade.

Não pudemos vencer num país tão vasto e de uma natureza impetuosa e rígida, com homens decadentes, arrumados por todas as enfermidades que se podem imaginar – syphilis, impaludismo, verminoses, etc, etc, - com o grão de instrução e de educação do nosso povo [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1932, nº 1 p.40).

Para se formar uma Pátria forte e bem preparada, ligada aos modelos de civilização e modernização do começo do século XX, era fundamental que professores pais em conjunto com médicos e outros profissionais ligados à causa da educação, investissem na formação higiênica das crianças. O combate as doenças começam dentro do lar e perpassava o interior da escola. Repassando de um ao outro. Era uma troca continua que levaria a uma melhor formação física e higiênica das crianças. Caberia às crianças levar seu aprendizado adquirido nas aulas de Higiene para o convívio doméstico, transmitindo-os aos seus pais, irmãos, avôs, primos e tios. Portanto

Meninos doentes, viciados e já cheios de mazelas Moraes, não podem constituir as esperanças risonhas dum país onde tudo é grande e assombroso, a exceção, infelizmente, do homem.

Ministrar noções de hygiene aos nossos meninos, com o fim de vel-os são e cheios de um vigor sadio, minorar o sofrimento da nossa gente; dar conforto e bem estar aos que se acham anquilosados e nada produzindo para o engrandecimento da nação, constitui obra de patriotismo e de amor ao próximo.

Nas escolas primarias do nosso Estado vamos propagando, pelo livrinho didático e bem feito do notável hygienista patricio dr. Renato Kehl, noções e conhecimentos aos nossos alunos das moléstias e dos meios capazes e eficazes de comba-te-las e evitar a sua propagação.

Mestres e paes, não consintaes na ignorância de noções de hygiene aos vossos alunos e filhos, pois, assim fazendo, estaes concorrendo para a infelicidade physica e moral do nosso povo [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1932, nº 1, p.40).

Os preceitos de Higiene do médico higienista Renato Kehl¹⁶, passam a ser adotados pelas escolas como a melhor maneira de formar eugenicamente as crianças. O discurso eugênico torna-se presente no cotidiano das escolas brasileiras a partir da segunda metade do século XIX e avança pelas primeiras décadas do século XX. O médico Renato Kehl, citado pela revista do *Ensino* foi um dos principais representantes dos ideais eugenistas no Brasil nesse período.

Então, era sobre o corpo das crianças que se depositavam as esperanças de futuros cidadãos bem educados, higiênicos e disciplinados. No Instituto Pedagógico Campinense, o ensino de Educação Física e Higiene oferecidos às crianças fazia parte de um programa

¹⁶ Segundo Pietra Diwan, Renato Kehl produziu “uma ampla obra escrita, publicou mais de trinta livros, a partir de 1917, sobre a temática eugênica. *A cura da fealdade* (1923), *Lições de eugenia* (1929), *Sexo e civilização* (1933), *Por que sou eugenista?* (1937), e *Typos vulgares* (1946) figuram entre os principais, publicados, em sua maioria, pela Editora Francisco Alves, sediada no Rio de Janeiro. Além disso, foi o editor-responsável do periódico *Boletim de eugenia* (1929-1931), durante os três anos de sua circulação, e editou a *Revista terapêutica*, *Vida rural* e *O farmacêutico brasileiro*, todas financiadas pela Casa Bayer do Brasil entre as décadas de 1920 e 1940. Publicava também regularmente nos principais jornais do país. Manteve relações epistolares com outros eugenistas brasileiros e com os principais representantes do eugenismo internacional durante diversos anos, o que lhe valeu prestígio e reconhecimento no meio intelectual. Por isso talvez tenha recebido de seu sogro, o médico sanitarista Belizário Penna, o apelido de “campeão de eugenia” (DIWAN, 2011, p.124).

disciplinar. Em artigo publicado nas páginas da revista *Evolução* intitulado de *Conselhos Higiênicos*, a professora normalista Noemi Carlos da Silva, prescreve aos discentes do Instituto uma série de cuidados higiênicos a serem seguidos. Assim, por parte do aluno/a era preciso

I – Dos pés a até a cabeça; / Traze o corpo bem lavado; / -- Quem apenas lava a cara; / Não passa por asseidade. ;/
II – Deita - se cedo, meu filho; / Ergue-te cedo também; / -- Quem assim faz e trabalha; / Mui boa saúde tem. /
III – Deves usar sempre largo; / Todo o teu fato e calçado; / O sangue não gira bem; / Quando o corpo anda apertado. /
IV – A casa em que Moraes; / Deve ter sol e muito ar; / De casa que assim não seja; / Deves-te logo mudar. ;/
V – Evita, dentro de casa; / Toda a poeira e mau cheiro; / E não durmas no teu quarto; / Sem o arejar primeiro;/
VI – Essenciais, flores e plantas; / Cujo aroma é de encantar; / No teu quarto não ás queiras; / Quanto te fores deitar [Sic.] (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº2, p.19).

Os *Conselhos Higiênicos* publicados na revista *Evolução* e em outros meios de comunicação nos levam a pensar a respeito dos códigos de higiene e os cuidados que as crianças que frequentavam o Instituto Pedagógico Campinense possuíam em relação aos seus corpos. Os ensinamentos buscavam retirar e evitar que essas crianças trouxessem para dentro da escola maus hábitos adquiridos no lar e em outros espaços e que não estivessem condizentes com as normas civilizatórias, que passaram a fazer parte da rotina das escolas brasileiras nas primeiras décadas do século XX, se apresentando enquanto higiênicas, modernas e civilizadas.

No Instituto Pedagógico Campinense o discurso médico estava presente na figura do professor de Biologia, médico, memorialista e ex-prefeito de Campina Grande, Elpídio de Almeida¹⁷, que ministrava aulas de Biologia no Instituto. No exemplar da revista *Evolução* de 1931, o cronista Antônio de Almeida, escreve o artigo *Hygiene Moderna*,

Chegou em fim, a vez de o médico penetrar, com a autoridade de profissional, nos estabelecimentos escolares. Ai não pontifica ele sobre o que deva uma criança aprender, nem mesmo a disciplina que deva manter ou suprimir por motivo pedagógico, compõe, inicialmente, o profissional a ficha sanitária, da qual deduzirá os cuidados higiênicos que reclama tal ou tal aluno, e marca, então, as diretrizes por onde o mestre conduzirá o ensino da criança. Intervirá pela cultura physica do escolar, interessando-se para que se não sacrifique a mesma em detrimento do ensino intelectual. Põe guarda a doença infecto contagiosa para impedir o seu acesso na escola. O higienista passou a ser ouvido em todos os problemas de grandes realizações sociais.

¹⁷ Elpídio de Almeida é autor do livro *História de Campina Grande*, importante obra que trata da História da cidade.

O problema que diz respeito à higiene, tem hoje interesse político-econômico-social [Sic.] (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº 1, p.28).

No discurso de Antônio de Almeida, o médico tinha que adentrar na escola receitando os conselhos higiênicos. Intervindo nos exercícios físicos para que esses não prejudicassem o desenvolvimento físico e intelectual da juventude campinense. O aspecto físico tinha que ser desenvolvido em benefício do intelecto. Para isso, o ensino de Educação Física e Higiene fez parte de um programa educacional desenvolvido pelas elites brasileiras com o objetivo de proporcionar uma educação de qualidade aos seus filhos/as. Essas duas disciplinas, atuando juntas, animaram a mentalidade de muitos brasileiros esperançosos de verem os corpos de seus filhos/as fisicamente produtivos. Por isso, foi preciso a atuação conjunta dentro das escolas, de profissionais intelectualmente capazes de transformarem uma realidade que a muito necessita de mudanças. Diretores, professores, engenheiros, arquitetos e médicos tomaram a frente no que diz respeito às mudanças que foram empreendidas em relação às formas como até então se vinha concebendo nosso sistema educacional. Esses profissionais intervíram dentro e fora do espaço das instituições escolares. Ditando e promovendo novos saberes. O alvo principal foi o corpo de crianças e jovens. Segundo Oliveira,

Não só os arquitetos eram especialistas em espaços. Os médicos também, somados aos pais e pedagogos. Mas não era apenas o espaço do corpo que deveria ser regulado por esses especialistas. Outras cartografias entravam na mira dos “corretores” da ordem e da moral republicanas. E nessas “outras cartografias”, a escola torna-se um alvo de moralistas, de médicos, dos pais e, principalmente, do Estado. Os sentidos da educação não se resumiam apenas em ler, escrever e contar. Estes eram fundamentais, acrescidos do sentido patriótico que o discurso pedagógico representava. Os alunos são diagnosticados em seu cotidiano escolar, mediante dispositivos de controle que permitem a sua regeneração física e moral. A escola assemelha-se a um “hospital”, clinicando hábitos de higiene, alimentação adequada, vícios a serem corrigidos, tarefas a serem executadas, finalizando recuperar a “mente atrasada”, rude e retardada, transformando-a em um celeiro produtivo. Um padrão de moralidade e de sociabilidade era requerido pela escola, a qual era um território estratégico para controlar a infância e a juventude, editando livros com discursos que enalteciam à pátria, o trabalho cotidiano, o cuidado com o lar, a virtude militar, a correção, a família constituída por pai, mãe e filhos, reafirmando a monogamia conjugal e discriminando o divórcio ou a família constituída por mães solteiras (OLIVEIRA, 2002, p.333).

Não era apenas sobre o corpo das crianças que recaiam os cuidados dos especialistas na educação e de médicos e pais, mas também no espaço da escola. A escola assemelhava-se a um hospital não apenas nos aspectos físicos de sua arquitetura mas, principalmente, quando tratava-se de educar o corpo dos discentes, a partir de novos hábitos de higiene, alimentação, e na correção de vícios trazidos para o espaço escolar do mundo exterior. É na escola que a criança

passa a maior parte de sua infância aprendendo e repassando ao demais colegas e familiares os discursos de enaltecimento da Pátria.

Na Paraíba do início do século XX, esses novos discursos também foram ouvidos e sentidos pela população. Muitas das escolas da capital do Estado, a cidade da Parahyba, na década de 1910, já haviam adotado, em suas grades de ensino, as disciplinas de *Educação Physica e Higiene*. No interior do Estado, a cidade de Campina Grande, que, nas décadas de 1910 a 1930, vivenciava substanciais mudanças políticas, econômicas, arquitetônicas e culturais, também já adotara o ensino de *Educação Physica e Higiene* nas escolas particulares ligadas à tradição religiosa, como parte do processo conhecido como medicalização e disciplinarização do espaço escolar e dos corpos. O corpo da criança foi o principal alvo em torno desses discursos. Esse capítulo buscou demonstrar, ao longo da narrativa, como esses discursos em favor da implantação das disciplinas de Educação Física e Higiene adentraram as portas das escolas de Campina Grande no início do século passado. Nos dois próximos capítulos continuaremos a escrever essa História. Ao leitor cabe o convite para mergulhar na História da cidade de Campina Grande do início do século XX, revisitando cronistas, memorialistas e a produção jornalísticas desse período.

II - EXERCÍCIO

“CULTURA PHYSICA: PARA A FAMÍLIA CAMPINENSE”: A CIRCULAÇÃO DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO CAMPINENSE.

*Em todos os meios adiantados, já foi provada a grande importância da cultura física, porém em Campina Grande, cidade **Leader** do interior do Nordeste Brasileiro, esta verdade ainda não está evidente.*

Nossa gente tem ojeriza a tudo que se relaciona a esta instrução, para o sexo feminino.

É tachada de leviana, de fútil, e, até de louca, a jovem adepta dos esportes.

Há quem censure a educação do “Instituto Pedagógico”, porque neste estabelecimento a ginástica (um dos fatores da saúde humana) e outros exercícios físicos fazem parte integrantes de seus programas de ensino (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº3, p.26).

Neste capítulo pretendemos analisar os discursos que circularam em Campina Grande nas primeiras décadas do século XX, para implantar, nas instituições de ensino da cidade, a disciplina de Educação Física. Para tanto, recorreremos à historiografia local, a jornais e revistas que circularam na cidade nesse período histórico para compreender como esses discursos fizeram parte de um projeto modernizador e civilizatório, tendo como eixo norteador a prática da Educação Física, que começou a fazer parte dos currículos das instituições de ensino brasileiras ainda durante a segunda metade do século XIX e começo do século XX, buscando educar, disciplinar, higienizar e principalmente modernizar e civilizar os futuros representantes da Pátria.

O ensino de Educação Física foi adotado em Campina Grande ainda durante as décadas de 1910 e 1920 do século passado. O Instituto Pedagógico Campinense, nosso objeto de análise teve destaque nas práticas educativas na cidade por ter sido umas das primeiras instituições de ensino a ofertar aos seus discentes a *cultura física*. O Instituto também ofertava os cursos militar¹⁸ e de contabilidade¹⁹. No intuito de compreendermos melhor o contexto em que está

¹⁸ O curso de Caderneta Militar equiparava os jovens campinenses ao serviço militar. “Instituto Pedagógico, Estabelecimento de ensino primário, secundário, normal, comercial e de Instrução Militar” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº3, p. 32).

¹⁹ “O Decreto a 20238 de 30 de junho do corrente ano organizou o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e das outras providências de caráter equitativo e justo, de proteção aos institutos de ensino Comercial que fazem da lei e do seu integral cumprimento, e maior cabedal.

inserido o Instituto Pedagógico Campinense, será necessário fazermos um passeio pela História de Campina Grande nas primeiras décadas do século XX, atentando para o surgimento de algumas instituições de ensino que contribuíram de forma ímpar na educação da mocidade campinense²⁰. Direccionamos nosso olhar também para aspectos relacionados à economia, cultura e política; por Campina Grande, naquele momento, notabilizar-se enquanto uma das mais prósperas cidades do interior do Estado.

Na década de 1910, ocorreu a criação de alguns colégios na cidade, por exemplo, o *Colégio – Instituto Spencer*, que funcionou entre os anos de 1915 e 1917, sob a responsabilidade do professor José Otávio de Barros; o *Instituto Pedagógico Campinense*, em 1919 pelo Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis²¹, e o *Instituto São Sebastião*, de 1920, obra do professor e poeta Anézio Leão (CÂMARA, 1998, p. 89-93). Gaudêncio afirmou que,

O uso da palmatória ou régua, a separação por sexos, os ditados e exercícios decorados como a tabuada, ou as atividades de paleógrafo ou leitura manuscrita, podem se distinguir como sendo as principais características do processo educativo da época (GAUDÊNCIO, 2008, p.6).

A partir dos anos de 1920 “a instrução de Campina Grande começa a passar por uma intensa transformação” (GAUDÊNCIO, 2008, p. 7). Seguindo a mesma tendência educativa do Instituto Pedagógico Campinense, é inaugurado o *Colégio Paroquial da Imaculada Conceição*, que se manteve ativo entre os anos de 1920 e 1923, na responsabilidade do professor Jorge

Considerando de muito interesse da Comunidade os sábios ditames dessa lei de regulamentação, o Instituto Pedagógico que já possui suficientemente organizado o ensino Comercial, como se verifica da regularidade administrativa constatada nos livros da sua secretaria, atinente a todos os dispositivos do extinto regulamento, adotará a nova lei que o permite escolher três ou mais, dos cursos professados pelo atual regulamento vigente e esses, serão, na capacidade do meio, o curso propedêutico, de três anos; (curso geral); e de auxiliar do comércio, de dois anos; e o de Guarda Livros, de dois anos; havendo ainda um curso de admissão a auxiliar do comércio” (REVISTA EVOLUÇÃO, nº 2, 1931, p.6).

²⁰ Ao pesquisar a História da Educação em Campina Grande nas primeiras décadas do século XX, percebe-se que a mesma passou por dois marcos temporais: o primeiro, localizado no final do século XIX e início do século XX, no qual surgiram espaços destinados à Educação na cidade. E o segundo, em que percebe-se a História da Educação na cidade, aconteceu entre as décadas de 1920 e de 1930, no qual evidencia modificações do modelo de Educação, a partir das inaugurações de colégios que adotam novos paradigmas de instrução (NASCIMENTO, 2013, p.1).

No primeiro momento, verifica-se a criação do Grêmio de Instrução, que expressa preocupação em preparar os jovens da cidade para o ingresso na Faculdade de Direito de Recife (ALMEIDA, 1979, p.323-332), e o Colégio 15 de Novembro, em 1905, pelo professor Severino Correia. “Em 1913, é fundado o Gabinete de Leitura pelo professor Dr. José Coelho, entretanto a ideia partira do pernambucano Lino Fernandes de Azevedo”. Nesta instituição de Ensino durante vários anos ficou concentrada a vida intelectual da cidade de Campina Grande, mantendo biblioteca com acesso ao público leitor, jornal, revista, escola gratuita, promoção de festas cívicas e literárias, concursos de beleza, as “horas literárias”, “Conferencias”, e “Jornais falados”; deixando de funcionar no ano de 1935, o que causou a insatisfação dos intelectuais locais (GAUDÊNCIO, 2008, p.4).

²¹ Aqui, o foco de nossas análises é a emergência do ensino de Educação Física na cidade. Essa instituição se destacava por adotar práticas pedagógicas similares às de regime militar. “[...] o tenente Alfredo Dantas tem o contorno lendário de uma personalidade com duas vidas, apresentando: -- a do militar e a do educador” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº 3, p.5-6).

Muniz. No ano de 1921, é inaugurado o *Instituto Olavo Bilac*, na rua da Floresta, pelo professor e poeta Mauro Luna, e o *Collège Condorcet*, de Hortêncio Ribeiro. Em 1924 ocorre a inauguração do *Grupo Escolar Sólon de Lucena*, obra do Governo do Estado, o primeiro grupo estadual de Campina Grande (GAUDÊNCIO, 2008, p. 7).

Ao chegar à década de 1930, a educação de Campina Grande, continuou vivenciando significativas transformações. É neste momento que ocorre a inauguração dos colégios particulares ligados às ordens religiosas. O uso da palmatória, até então bastante comum e utilizado na educação da mocidade campinense, começa aos poucos a ser extinto; os novos colégios adotaram métodos educativos mais modernos, como a exigência de um único professor para cada disciplina. Era uma iniciativa considerada moderna.

O primeiro colégio a ser criado sob as ordens religiosas foi o *Colégio Imaculada Conceição*, em março de 1931 (conhecido por *Colégio das Damas* com o ensino exclusivo para o sexo feminino em seus primeiros anos de funcionamento). Em abril do mesmo ano é inaugurado, por iniciativa do vigário José Delgado, o *Colégio Diocesano Pio XI*, na Igreja Matriz, hoje a Catedral da cidade. No ano de 1932, esse educandário é transferido para a Rua João Pessoa (CÂMARA, 1998, p. 87-93). De acordo com Gaudêncio

Estes dois colégios (Damas e PIO XI) juntamente com o Alfredo Dantas foram os modelos de educandários para a cidade de Campina Grande no ensino das elites. O crescimento da qualidade de ensino com a incorporação de novas tendências pedagógicas e formas didáticas, acrescido da parceria dos governos estaduais e municipais na construção de cursos técnicos, vão fazer que antigas escolas de ensino primário acabem chegando ao fim quase instantaneamente. Foram os casos dos colégios: São José, do professor Clementino Procópio, e o Instituto Olavo Bilac, de Mauro Luna. Os dois fecharam suas portas no ano de 1932 (GAUDÊNCIO, 2008, p.8-9).

As novas instituições de ensino que emergiam na cidade buscavam atender às demandas educativas dos filhos dos grandes empresários da cidade. Entre os ricos campinenses encontravam-se os empresários donos de lojas no Centro da cidade, que comercializavam os mais diversos produtos, e os grandes produtores rurais, responsáveis pelo plantio e venda do algodão (produto agrícola chamado de “ouro branco” devido à sua importância no desenvolvimento econômico de Campina Grande, nas primeiras décadas do século XX).

O Instituto Pedagógico Campinense, umas das instituições particulares que surgiram na cidade, trazia em sua estrutura física os ideais de modernidade, localizado na rua Barão do Abiai, Centro de Campina Grande, com ensino destinado para o primário e secundário, com educadores de ambos os sexos e composto de duas cadeiras oferecidas por seus fundadores: o

Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis e sua enteada a professora normalista Ester de Azevedo. Atualmente com noventa e cinco anos, notabiliza-se por ser a mais antiga escola da cidade. “Em maio de 1924, foi o educandário transferido para um novo prédio edificado, previamente, pelo mesmo educador, adaptado as condições higiênicas e pedagógicas, situado à mesma rua, n. 327, hoje, “Internato” do referido Instituto” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº1, p.7).

Suas instalações foram ampliadas, ocorrendo a fundação das “Escolas Anexas”²², passando a funcionar a Escola de Instrução Militar General Pamplona (incorporada ao Tiro de Guerra Nacional), conhecida como Escola de Tiro 243, e o Curso Comercial Propedêutico e Peritos Contadores, “tornando-se o primeiro Estabelecimento Secundário que conferiu títulos técnicos profissionais no interior da Paraíba” (ANDRADE, 2012, p.4). Segundo Andrade (2012), em 1943 passa a se chamar Ginásio Alfredo Dantas (pela criação do curso ginasial) em 1950, passa a ser conhecido pelo atual nome *Colégio Alfredo Dantas – CAD*²³. Nas palavras do historiador Josemir Camilo de Melo,

No começo dos anos de 1930, o Instituto Pedagógico deixava de ser uma mera escola local para o ensino do que hoje chamamos de fundamental básico (o curso “primário”, de então) para se estender ao ensino médio (curso ginasial) da população campinense e ser reconhecido de utilidade educacional em nível nacional. Era uma proposta moderna.... (MELO, 2011, p.3).

Com as mudanças pelas quais vinha passando, o Instituto buscava se adequar às exigências de uma cidade moderna²⁴, atendendo às necessidades dos cidadãos que queriam ver seus filhos/as, melhor instruídos/as. Na edição do jornal *Brasil Novo* de 1931, encontramos uma passagem referente às modernas práticas pedagógicas do Instituto Pedagógico Campinense:

Dos poucos estabelecimentos de ensino que temos no interior do Estado, é o “Instituto Pedagógico” o melhor conceito e que cumpre rigorosamente os métodos de ensino mais modernos. Fundado em 1919, vem em constante progresso, quer no melhoramento de seu prédio e mobiliário, quer no aperfeiçoamento da instrução. Mantém os seguintes cursos; Normal, Commercial, Gymnasial, Militar, Primário e Infantil. Além dos citados cursos, mantém ainda as aulas de pianos, costura, bordado, pintura, musica, flores e

²² Entre as “Escolas Anexas”, do Instituto Pedagógico Campinense, se encontravam as de Instrução Militar e de Comercio. Ver (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº 1 e 2).

²³ Em decreto de Nº 1615 de nove de Dezembro de 1929 o Governo do Estado da Paraíba, integrou o Instituto Pedagógico Campinense às prerrogativas de Escola Normal oficial. Passou a disponibilizar aos discentes os cursos: “Grupo Modelo”, com três cadeiras primaria para o Ensino de “Didática”, e as aulas do curso “Normal”, regidas por professoras normalistas: O “Técnico – Comercial” a de “Instrução Militar”, incorporada ao “Tiro de Guerra Nacional”, com o número 243” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº1, p. 18).

²⁴ Para Marsahall Berman (1986), “Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detém o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo”.

gymnastica, todas sob a direção de competentes profissionais. O internato funciona na própria residência do diretor, gosando assim os internos de assistência familiar. O externato remodelado a capricho e com todos os requisitos da hygiene escolar, oferece aos alunos e professores, todo conforto necessário. Seus vastos salões em número de dez, são bem arejados, iluminados e suficientemente mobiliados. Entre os pavilhões que compõem o prédio existe um grande pateo destinado ao recreio e aulas de instrução physica. Nelle estão localizados os campos de Volleyball, Basket-ball e peteca, caixão de pulo, barra fixa e outros aparelhos de gymnastica. O Volleyball é treinado com entusiasmo pelas normalistas e alunos de outros cursos. O curso militar, destinado a preparar os jovens para a defesa da Pátria, muito útil tem sido aos campinenses, pois, centenas de moços têm obtido a caderneta militar de reservista, ficando aptos para exercerem empregos federaes e isentos do sorteio militar [Sic.] (JORNAL BRASIL NOVO, 1931, p.6).

O Instituto alcançava os ideais de progresso com modernas técnicas de ensino. O prédio e o mobiliário podiam ser comparados a outras instituições de ensino de destaque nacional. Matinha em funcionamento os cursos Normal, Comercial, Ginásial, Primário, Militar e Infantil. Aulas de piano, costura, bordado, pintura, musica, flores e gymnastica, todas as aulas destinadas a uma melhor formação da juventude campinense. As aulas de Educação Física eram destinadas aos sexos masculino e feminino. O prédio do Instituto se adequava aos preceitos da moderna hygiene. A hygiene do corpo e do espaço escolar era fundamental para uma instituição do porte do Instituto, que buscava alcançar as modernas praticas pedagógicas. Por isso os professores/as e alunos/as tinham que ter à sua disposição o máximo de conforto possível.

O Instituto possuía salões arejados, iluminados e mobiliados de acordo com as exigências e de acordo com a quantidade de alunos/as que frequentava a instituição. Além de salões espaçosos, o Instituto, também possuía um grande pátio, destinado ao recreio e às aulas de Educação *Physica*. No pátio os alunos/as praticavam esportes como “Volleyball, Basket-ball” e exercício de peteca, caixão de pulo, barra fixa e de Gymnastica. Uma característica da instituição era o caráter militar na formação de seus alunos/as. Ofertava aos jovens do sexo masculino “a caderneta militar de reservista” [Sic.] (JORNAL BRASIL NOVO, 1931, p.6).

De acordo com citação mencionada pelo jornal *Brasil Novo*, temos uma propaganda do Instituto na qual percebemos a intenção de tornar públicos para os cidadãos campinenses os cursos oferecidos pela instituição, considerada, pelo discurso da época, a mais moderna do interior do Estado. Ao adentrar no prédio, os discentes podiam ter contato com aparelhos e atividades que facilitavam a prática de esportes e também de *Gymnastica*.

O Instituto Pedagógico Campinense era muito bem conceituado no Estado (SILVA, 2010). A imagem do Instituto se construiu em torno de reportagens divulgadas em diferentes

meios de comunicação. O Tenente Alfredo Dantas era membro do jornal ‘*O Comércio*’ (1932), e dos periódicos revista *Evolução* (1931-1932²⁵), e do *Evolução Jornal* (1934), o qual era financiador. Esses periódicos eram de responsabilidade do próprio Instituto Pedagógico Campinense. O *Evolução Jornal* era um periódico independente e noticioso, com assinatura anual. Já a revista *Evolução* era um periódico produzido pelos docentes e discentes do Instituto. Editada para ser um espaço pedagógico de divulgação de ideias, circulou em Campina Grande e cidades vizinhas durante dois anos de 1931 a 1932, noticiando fatos relacionados à História, Educação, Higiene, Política e Economia e Cultura (ANDRADE, 2013, p.10).

A revista *Evolução*, junto a outros meios de comunicação foi, para a população de Campina Grande na década de 1930, um dos principais veículos de informação, e para os diretores do Instituto, uma forma de melhor divulgar os cursos oferecidos na Instituição. No ano de 1932, a revista deixa de circular cedendo espaço para o *Evolução Jornal*, publicado na “Sala Quinta - Instituto Pedagógico – Campina Grande – Estado da Paraíba”²⁶. No primeiro número da revista *Evolução*, encontramos a seguinte passagem:

‘Evolução’ mensageiro pedagógico, literato, noticioso e de interesses gerais, especialmente os de instrução”; que foi produzida pela direção do Instituto Pedagógico, formado pelo “diretor Alfredo Dantas de Góis; redator – gerente Heronides Campelo e a redatora – secretária Teté Campelo”, entre os anos de 1931 e 1932 [Sic.] (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº 1. p. 4).

Essa revista ficou conhecida por trazer em suas páginas uma diversificada gama de temas relacionados à História da cidade e cidades circunvizinhas, além de noticiar fatos e propagandas que tinham como tema o próprio Instituto Pedagógico Campinense. No primeiro número da revista *Evolução* encontramos uma nota com o título *A Nossa Revista*, que fala o seguinte,

Sendo a “Evolução” o reflexo pedagógico do Instituto Pedagógico e Escola Normal “João Pessoa”, sob a direção do espírito do grande combatente que é Tenente Alfredo Dantas, pela causa da educação da mocidade campinense, todavia não se restringe a veicular ideia e fatos de seu exclusivo interesse. A sua finalidade é mais nobre agremiar inteligências cultas no intuito de coordenar esforços no apiário das letras [Sic.] (REVISTA EVOLUÇÃO, nº1, p.9, 1932).

²⁵ A revista *Evolução* que se encontra no acervo da biblioteca Átila de Almeida na reitoria da Universidade Estadual de Campina Grande – UEPB, foi digitalizada, catalogada e transcrita, por discentes que fazem parte do Projeto de Pesquisa “Conselho Higiênico”: sensibilidades e saberes escolares em Campina Grande- Paraíba (1920-1940).

²⁶ Possuindo como “redator – chefe: Olavo Bilac Cruz; Secretário: Orlando Santos; Tezoureiro; Eliese de Araújo; Gerente: Beatriz Saldanha; redatores: Porphyrio Catão, Iracema Marinho, Lourdes Melo, Javan Fialho, Euterpe Gusmão, Selma Suassuna, Lourdes Tavares, José Brasil, Milton Coura, Itamar Cavalcante e Fleury Soares”: (EVOLUÇÃO-JORNAL, nº1, p.2, 1934).

“Em 1931, portanto, brindava a cidade com mais um serviço de comunicação e sociabilidade, a Revista Evolução, cujo primeiro número saiu em setembro daquele ano”. Na passagem acima, o historiador Josemir Camilo de Melo (2011, p.3), destacou a importância da revista *Evolução* para a sociedade campinense por discutir inúmeros temas sociais, políticos e culturais em destaque na cena nacional e estadual. “Uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI *apud*, LUCA, 2010, p.140). Outra característica da revista é a forma como a mesma homenageia, em suas capas, pessoas consideradas ilustres da cena estadual como, por exemplo, o criador do Instituto Pedagógico Campinense, o Tenente Alfredo Dantas²⁷.

No ano de 1945 chegou ao fim a administração do Tenente Alfredo Dantas, sujeito importante no cenário educacional naquela época, marcando assim uma nova etapa nas páginas da história da educação em Campina Grande (SILVA, 2010). Pensando nos aspectos relacionados à modernidade pelos quais passou a educação da cidade no início do século XX, o Instituto Pedagógico Campinense “se constitui como um bom marco cronológico, porque a criação do educandário justifica-se na necessidade da modernização da educação para Campina se sentir moderna” (SILVA, 2010, p.8).

Em meio às atividades culturais o Instituto Pedagógico Campinense realizava o teatro, exposição de artes plásticas, trabalhos manuais e prendas domésticas (bordado), música, canto orfeônico para as alunas da Escola Normal João Pessoa (ANDRADE, 2012, p.3). As atividades chamavam a atenção da sociedade campinense e tinham o objetivo de arrecadar fundos para o Hospital Pedro I²⁸. As apresentações aconteciam no Cine Teatro Apolo²⁹ e eram divulgadas nas páginas da revista *Evolução*³⁰. No terceiro número da revista é publicado o artigo *Uma festa de arte pelos alunos do Instituto Pedagógico*, no qual “todas as festas promovidas por aquele educandário, se revestem de miríficos encontros que põem em relevo o grau de cultura daquele ambiente onde há distinção e expressivo gosto pela educação moral e intelectual dos

²⁷ Nas capas da revista *Evolução* também se fazia homenagem a Antenor Navarro, João Pessoa ex-governador do Estado, o professor Clementino Procópio, o prefeito Lafaete Cavalcante, Dr. Arlindo Correia até então diretor do posto de higiene municipal, Heronides Mathias de Oliveira professora normalista da “Escola Normal João Pessoa” anexada ao Instituto Pedagógico e o professor José Batista de Melo diretor de ensino primário da Paraíba.

²⁸ O Hospital Pedro I é um hospital maçom e foi criado no ano de 1932 pelo Dr. Severino Cruz, ainda se encontra em funcionamento. Ver ANDRADE (2012).

²⁹ “Foi o primeiro cine-teatro da cidade. Localizado na atual Rua Maciel Pinheiro, surgiu em um amplo salão com fundos para a Rua Barão do Abiaí, sendo inaugurado em 26 de maio de 1912. Fruto dos anseios comuns do empresariado local e da elite que pretendia estabelecer na cidade um lugar onde fossem postas em prática as atividades artísticas, recreativas e políticas”. Ver ANDRADE (2012).

³⁰ Ver revista *Evolução* (1932).

educandos” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº3, p.8). As discentes em conjunto com os docentes do Grupo Modelo e Escola Normal João Pessoa, encenavam as peças de teatro *O Castigo da Cubiça*, *O Bailado Clássico*, *As Japonesas*, *O Conquistador*, e *O ‘Coronel’ e suas Garotas*.³¹

Para a historiadora Paloma Porto Silva (2010), um dos aspectos que diferenciava o Instituto Pedagógico Campinense de outros educandários existentes na cidade nas décadas de 1920 e 1930 era o caráter militarista presente na estrutura da escola. A instituição é criada por um Tenente do Exército Brasileiro. Os jovens campinenses que buscavam sua formação no Instituto tinham em mente a disciplina e a obediência características das escolas militares, bastante comuns na formação da juventude brasileira. Naquele período o Instituto ainda tinha, em seu hino, a exaltação dos exercícios militares e o desejo de militarização da juventude campinense, além do caráter educativo, uma de suas principais características. Vejamos o hino:

HINO DO INSTITUTO PEDAGÓGICO

(Murilo Buarque)

Quando alegre e felizes marchamos / Sob o azul deste céu impoluto / Sem querer a sorrir exaltamos / O áureo nome do nosso Instituto / Há do livro ser a couraça / E a caneta há de ser o fuzil / Para a glória eterna desta raça / Que é o orgulho do nosso Brasil / Ó bravos filhos do Norte / A Pátria quer nosso tributo / Nosso ideal excelso e forte / É ver a glória do Instituto / Se a nossa vida é uma liça / É mister tudo assim vencer / Só poderemos ter justiça / Com a luz sublime do saber /

Não podemos perder um minuto / Precisamos lutar e vencer / Para a glória nosso Instituto / Excelso templo de imortal saber / Somos filhos das plagas do Norte / E vivemos à luz do cruzeiro / Defendendo tal qual o mais forte / O auriverde pendão brasileiro/

Honraremos o nosso Instituto / Propaganda sem trégua a instrução / Pois o nosso sublime reduto / Diz que o estudo é a melhor diversão / O Pedagógico é uma grande oficina / Ao clarão da áurea luz do saber / Quem estuda há de ter disciplina / Para um dia cumprir seu dever (Hino do Instituto Pedagógico, DINÓIA, 1993, p.245).

A partir da leitura do hino percebemos a presença do ideal de segurança nacional. O Estado passou a enxergar, na escola, o espaço privilegiado para a propagação dos ideais de nacionalidade, civismo e patriotismo. Recaía sobre a educação das crianças o interesse em repassar esses ideais que seriam levados aos demais membros da sociedade. Com o hino do Instituto Pedagógico Campinense, percebemos as noções de pátria e civismo, característico do pensamento brasileiro a partir da década de 1930, que ficou mais notório com a ascensão do

³¹ Nas páginas 15/16 e 17 do terceiro número da revista *Evolução* aparecem imagens ilustrando as apresentações artísticas promovidas pelo Instituto em benefício do Hospital Pedro I.

governo de Getúlio Vargas. A respeito das cerimônias cívicas que fizeram parte do imaginário brasileiro a partir dos anos 30. Parada (2009), comenta que:

As grandes cerimônias cívicas produzidas durante esse período voltadas para a juventude foram, na maioria das vezes, lideradas pelos professores de educação física, tanto civis, como militares. Os temas da eugenia, da segurança nacional se faziam presentes numa pedagogia publicamente espetacularizada; o jovem “sadio”, “disciplinado” e “nacional” era apresentado como condição da modernização do país (PARADA, 2009, p. 163).

Nesse momento o ensino de Educação Física, ganha destaque na formação dos jovens brasileiros tanto do sexo masculino como do feminino. No Instituto, essa disciplina, ao lado de outras, como por exemplo, a de Higiene, buscava disciplinar, higienizar, reparar desvios de conduta, maus costumes, práticas domiciliares que as crianças aprendiam no lar e levavam para o convívio escolar. Conforme Nascimento

O investimento na Educação Física, denominada na época de “Ginastica”, para os estudantes do Instituto Pedagógico Campinense, promoveu a inserção de novas práticas voltadas para a construção de bons modos, de condutas adequadas para a vida em sociedade, disciplinando os sentidos, as sensações, os gestos, a sexualidade. (NASCIMENTO, 2013, p.6).

As aulas de Educação Física do Instituto ocorriam em separado, havia um horário e local diferente para meninos e meninas praticarem os exercícios físicos. Segundo Guacira Lopes Louro (2010), o ensino de Educação Física nas escolas brasileiras transformou-se em uma das maneiras mais fáceis de separar genericamente os corpos masculino e feminino. Seguindo a mesma concepção de Louro:

A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo (LOURO, 2010, p. 74).

O objetivo do ensino de Educação Física estava relacionado à construção do corpo das crianças. A todo momento almejava-se a disciplina e higiene de um corpo belo, disciplinado e que se adequasse aos padrões de uma sociedade moderna e civilizada. No Instituto Pedagógico Campinense, o Sargento Moises de Araújo era o instrutor responsável por ministrar as aulas de Gymnastica para os sexos masculino e feminino. Conforme as considerações de Celso Castro, a introdução da Educação Física no Brasil:

[...] foi uma iniciativa fundamentalmente militar [...] Na primeira metade do século XX, entretanto, a vinculação entre educação física e defesa nacional era muito estreita. A educação física era vista pelo Exército e por amplos setores do Estado e da sociedade civil como uma atividade militar (CASTRO, 1997, p.3).

A instrução dos meninos buscava formar os futuros soldados da pátria, jovens que atendessem ao trabalho na indústria e no serviço militar. Para as meninas a instrução da Educação Física, buscava dispor as jovens noções básicas de comportamento como mulheres de boa família, apresentando-se diante da sociedade enquanto exemplos a serem seguidas de boa filha, mulher e mãe. As crianças em idade escolar recebiam as instruções físicas que melhor se adequassem ao seu sexo. Aos meninos a preocupação maior estava em instruí-los para uma vida mais dinâmica, atendendo as demandas dos serviços nas grandes indústrias do país e principalmente no serviço militar, indispensável a qualquer jovem do sexo masculino. As meninas recebiam instruções que melhor as preparassem para as atividades relacionadas ao lar. Além do bom comportamento adquirido nas aulas de Educação Física do Instituto, as futuras esposas e mães também aprendiam noções de higiene, piano, bordado, costura e etiquetas doméstica.

Na imagem abaixo, do primeiro número da revista *Evolução*, de 1931, visualizamos as discentes do Instituto em uma aula de Gymnastica, sobre o olhar disciplinador do Sargento Moises de Araújo. Se pararmos para analisar de forma detalhada, podemos ver que o fotógrafo tinha certo interesse em registrar o aspecto grandioso e moderno do Instituto, que seguia os propósitos do discurso higienista em voga nas principais cidades brasileiras no começo do século XX. Isso pode ser notado quando observada a arquitetura do prédio do Instituto. O educandário, em sua parte lateral, tinha um pátio espaçoso para a prática de exercícios físicos, cercado por grandes muros. Em sua parte lateral, podemos ver grandes janelas, ao comprido, o que facilitava a entrada de ar no interior das salas de aula e nos corredores. Ao fundo da imagem vemos que os meninos estão distraídos jogando futebol, enquanto as meninas seguem à risca as instruções do instrutor responsável pelo ensino de Gymnastica.



IMAGEM 03: “Alunas as Escola João Pessoa, do “Instituto Pedagógico”, fazendo exercícios de ginástica sob a direção do sargento Moises de Araújo, instrutor daquele estabelecimento”.

FONTE: (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº 1, p. 21).

Na imagem 03, observamos as “alunas da Escola Normal João Pessoa, do ‘Instituto Pedagógico’, praticando o exercício de ginástica sob a direção do sargento Moises Araújo, instrutor daquele estabelecimento” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº1, p. 21), vestidas com roupas adequadas, na época, para a prática de exercícios físicos. Para Soares (2011), as roupas afirmam traços humanos, revelam pertencimentos ou exclusões. Constroem, compõem, fabricam as experiências. Contam trechos das histórias miúdas, cotidianas, banais, permitindo que os aspectos da vida na sociedade sejam compreendidos de forma mais profunda. O simples ato de vestir-se significa diante da sociedade uma constante busca da educação do corpo.

As alunas do Instituto aparecem na fotografia praticando os exercícios gymnasticos em filas³² bem organizadas, ao ar livre no pátio do educandário. Utilizavam roupas consideradas leves para a época, facilitando os movimentos com o corpo. Da mesma maneira que as discentes do *Grupo Escolar Epitácio Pessoa*, citadas no capítulo anterior que aparecem nas páginas da revista do *Ensino*³³ do Estado da Paraíba, em aula de Gymnastica, as discentes do Instituto Pedagógico Campinense utilizavam nas aulas de Gymnastica, blusas brancas e shortes pretos e

³² As fileiras funcionam como uma técnica disciplinar facilitando a melhor organização dos discentes. “A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (FOUCAULT, 2010, p. 141).

³³ (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p.7).

toucas protegendo o cabelo, além de meiões e sapatilhas. Todas as aulas ocorriam ao ar livre, possibilitando um melhor aproveitamento do espaço, seguindo as modernas exigências do discurso higienista da época.

Quando analisamos algumas imagens encontramos informações contidas nelas que os textos muitas vezes não deixam claro ao leitor, “ou não tiveram interesse, nem era sua função ou objetivo descrever” (LIMA & CARVALHO, 2011, p.37). Assim percebemos na fotografia das discentes do Instituto Pedagógico Campinense em aula de *Gymnastica* certa intencionalidade. Ao fundo vemos a arquitetura lateral do edifício do Instituto, com sua entrada larga, suas janelas ao comprido facilitando a circulação de ar e luz, seguindo o padrão do discurso higienista. O interesse em fotografar as discentes do Instituto em plena aula de *Gymnastica*, é uma maneira de mostrar para os leitores da revista *Evolução*, ou seja para a sociedade campinense os benefícios trazidos pela prática dessa disciplina para a formação do corpo de suas discentes.

Nas aulas de Educação Física do Instituto, é nítido, por parte dos educadores, o interesse em disciplinar não apenas a mente mas também o corpo dos discentes que, cotidianamente, se utilizavam de táticas e artimanhas burlando³⁴ a disciplina imposta. Aos mesmos, era eminentemente proibido fumar, cuspir no chão e nas paredes, fazer barulhos durante as aulas e no recreio, jogar objetos uns nos outros e no docente, riscar ou sujar as carteiras, os móveis e paredes do edifício escolar. Em alguns momentos, as salas de aulas e o pátio eram utilizados como espaços de fuga à essa disciplina minuciosa. A construção de muros ao redor da escola era a maneira encontrada pelos diretores contra a possibilidade de fuga dos discentes. O contato com a rua representava o lugar de desvio da boa ordem. As crianças no cotidiano escolar, praticavam suas artimanhas e suas insubmissões nos espaços escolares (VAGO, 2002, p.125). A rua significa o espaço da indisciplina, da desordem, da vagabundagem, é o espaço ideal para quem quer fugir ao poder disciplinar de algumas instituições, como o caso da escola. Michel Foucault (2010), discutindo, a respeito do conceito de disciplina atribui que,

O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. [...] Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos (FOUCAULT, 2010, p.138).

³⁴ Para Michel de Certeau “Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades da mão de obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos” (DE CERTEAU, 2011, p.46).

A punição e a vigilância são mecanismos de poder utilizados para docilizar e adestrar os sujeitos para que esses se enquadrem nas normas estabelecidas pelas instituições. A vigilância é uma tecnologia de poder que incide sobre os corpos dos indivíduos, controlando seus gestos, suas atividades, sua aprendizagem, sua vida cotidiana (SOUSA & MENESES, 2010, p.24).

Portanto disciplinar e higienizar os discentes era o principal discurso presente nas aulas de Educação Física do Instituto Pedagógico Campinense e outras instituições de ensino de Campina Grande ao dispor a seus discentes às práticas pedagógicas dessa disciplina. Para Soares Júnior (2011), além da disciplina constante, o ensino de Educação Física buscava salientar “um físico harmônico, em estado de equilíbrio funcional, de imunidade biológica e de perfeita adaptação ao meio, como complemento da educação intelectual”. A prática da Educação Física envolvia aspectos higiênicos, estéticos, intelectuais, didáticos, como uma atividade racional e ponderada, modeladora dos sentidos e responsável pela lapidação do corpo e dos costumes. No jornal *Brasil Novo* localizamos um artigo intitulado *A Educação Physica Conceito physiologico da educação physica baseado do desenvolvimento do organismo*, em que se ler,

Não se faz educação physica, quando somente se joga foot boll, ou um outro desporto qualquer, assim como outros exercícios gymnasticos em sala, compostos de alguns movimentos elementares de conhecimento fácil e pueril. A educação physica devemos concebê-la como um Capitulo de Hygiene Geral, que necessita por consequência de um estado profundo do organismo humano, principalmente em suas primeiras etapas do crescimento. D’ahi se deduz a necessidade de estudar para cada etapa de desenvolvimento, meios que serão variáveis segundo a idade do indivíduo, seu sexo, sua constituição, etc; Esses meios serão deduzidos da experiência physiologicos aplicada ao estado physiologico de cada um, e executados segundo as condições individuas, sendo os exercícios proporcionados a força de cada um e controladas physiologicamente [Sic] (JORNAL BRASIL NOVO, 1931, p.3).

De acordo com o exposto no artigo do jornal *Brasil Novo*, a prática da Educação Física não consiste simplesmente em jogar *foot boll* e outros esportes, e exercícios físicos na sala de aula voltados para as causas biológicas. Ia muito além: faz parte do ensino de Educação Física as preocupações com a Higiene, e disciplina do corpo humano. Para se praticar as atividades físicas era necessário levar em consideração a idade e o sexo do indivíduo. A prática de exercícios físicos fazia parte de um programa civilizatório e modernizador que passou a fazer parte da mentalidade dos habitantes das principais cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX. Uma cidade moderna era aquela que via, em seus habitantes, os próprios ideais de

modernidade estampados em seu corpo. Um corpo higiênico, esbelto, limpo, livre de sujeiras, civilizado, disciplinado, robusto, forte era o desejo das pessoas que praticavam atividades físicas.

Esses cuidados se estendiam à educação das crianças ainda durante seus primeiros anos de vida, em casa e dentro do espaço escolar. A cidade de Campina Grande vê esses preceitos serem estabelecidos com a criação do Instituto Pedagógico Campinense. Instituição que buscava, a todo instante, disciplinar e higienizar o corpo de seus discentes. Retirando-lhes do corpo certas práticas cotidianas consideradas nocivas à saúde. A criação desse educandário em pleno Centro da cidade serviu de motivo para que os campinenses procurassem, a todo momento, uma educação de melhor qualidade para seus filhos.

Campina Grande durante esse momento, presenciou, em seu cotidiano, inúmeras inovações em equipamentos urbanos, transportes e comunicações. As elites campinenses viram emergir determinados “símbolos do moderno”, que modificaram o espaço urbano da cidade durante o início do século XX. O historiador Gervácio Batista Aranha (2003), refere-se a esses símbolos enquanto equipamentos urbanos, de uso coletivo, últimas novidades produzidas no estrangeiro adotadas nas cidades brasileiras. Essas novidades estão materializadas, nos transportes e comunicações (sistemas telegráficos, telefônico, ferroviário etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistemas de água encanada e/ou esgotos, sistemas de iluminação pública e privada, etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos) (ARANHA, 2003, p.67). Sendo assim, mesmo que poetas, cronistas, políticos, médicos, advogados, educadores idealizem Campina Grande como sendo a cidade mais desenvolvida do Estado e uma das mais modernas do Nordeste, em se tratando da incorporação de tais “símbolos do moderno”, chegando a ser comparada a grandes cidades da Europa, como Liverpool e a Nova York, nos Estados Unidos. Para Aranha (2003)³⁵, não se pode falar em modernidade nas cidades do Norte do Brasil³⁶, devido às limitações físicas e populacionais destas cidades³⁷.

³⁵ Ver ARANHA, 2003, p.67...

³⁶ Segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), a palavra Norte até o início do século XX, referia-se aos Estados brasileiros que hoje abrange os Estados da região Norte e a Nordeste. A palavra Nordeste só vai aparecer pela primeira vez na década de 1910. O Nordeste é uma invenção imagético discursiva.

³⁷ No Livro *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935* o historiador Giscar Farias Agra, tece serias críticas ao conceito de moderno instituído por Aranha (2003), baseado na dimensão material da modernidade, dando destaque as maquinarias do conforto, com o advento da locomotiva, do automóvel, da luz elétrica e do sistema de água e esgoto. “Os elementos que elegi para construir esse olhar têm menos relações com a dimensão material e mais com a dimensão simbólica que rege determinados discursos que circulam na sociedade e informam as ações humanas em suas relações sociais, econômicas, políticas e culturais. São discursos que acabam também por se materializar no sentido de que elaboram enunciados, verdades e regras sociais gerais de acordo com as quais as pessoas devem se regidas” (AGRA, 2010, p. 35).

Na cidade de Campina Grande, seu processo de modernização, iniciado no início do século passado, ocorreu seguindo outros ritmos, diferentes daqueles registrados nas grandes cidades europeias, a exemplo de Paris e Londres, e das cidades brasileiras a exemplo, do Rio de Janeiro e São Paulo, que passaram pelo processo de modernização caracterizado pela constante velocidade e pela multidão comuns aos grandes centros urbanos. Cabral Filho (2007), afirmou que, em Campina Grande “as mudanças ocorreram e foram percebidas e vivenciadas”, ocorrendo,

[...] a transformação da paisagem urbana não apenas pelas modificações fisionômicas que ia experimentando, mas também pela presença de outros símbolos deste processo, no qual, por exemplo, caminhões e automóveis disputavam o espaço das ruas da cidade com animais de carga e pedestres que, ainda, não haviam incorporado esses valores modernizantes como estruturantes em suas vidas; daí termos marcado uma cadencia diferenciada, mais lenta (CABRAL FILHO, 2007, p. 212).

As mudanças que a cidade vivenciava constatava com alguns aspectos tradicionais de seus moradores, disputavam o mesmo espaço carros, caminhões e carroças puxadas por bois e burros. A historiadora Maria Raquel Silva (2011), em sua dissertação de mestrado *Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945)*, comenta que a cidade de Campina Grande, localizada no planalto da Borborema, agreste paraibano, cresceu com o comércio realizado na feira de cereais e de gado, mas principalmente por ter sido o segundo maior polo de escoamento da produção algodoeira para o exterior nas primeiras décadas do século XX. “Sua localização e sua ligação por meio da via férrea com Recife possibilitaram à cidade um crescimento em ritmo diferenciado com relação a outras cidades paraibanas” (SILVA, 2011, p.26). Ainda segundo Silva religiosos, comerciantes, imprensa nacional e estadual elaboraram uma cidade, atraente, com um prospero ‘futuro’, pensamentos justificados pelas condições em que se encontrava a cidade e graças à sua localização geográfica, o que possibilitava o contato com outras cidades, tornando-a influente no compartimento da Borborema e referência no sertão do Estado. Portanto, a cidade estava entre as cidades mais desenvolvidas do Nordeste, e, na época o principal centro exportador de algodão do Brasil. Segundo Epaminondas Câmara, na cidade de Campina Grande:

O comércio consolidou-se com o advento do automóvel. Os caminhões substituíram não somente a carroça de boi, mas também as tropas de burros, que centenas, entravam diariamente na cidade. Desenvolveu-se o mercado por atacado que, aos poucos, foi se localizando na Rua da Areia. A indústria local também tomou incremento com o fabrico de camas de ferro, malas, sabão,

móveis, facas de pontas, redes, etc. e com as usinas hidráulicas de prensamento de algodão (CÂMARA, 1998, p.122).

Automóveis e fábricas constituíam nesse momento novos símbolos da modernidade, que, ao lado das tropas de burros e das demais formas artesanais de produção, apresentavam-se como “novo”. Em um ambiente dominado por novidades, a sensibilidade moderna inferiu em novas maneiras de usar e ver a cidade, de sentir o território urbano. Diante das modificações do espaço urbano e do desenvolvimento econômico, Campina Grande tornou-se atraente aos forasteiros vislumbrados pelas possibilidades oferecidas em seu centro comercial. Recebendo novos moradores, a cidade tinha seus becos, ruas e vilas multiplicadas, tornando a vida dos moradores movimentada e cheia de novidades (ARAÚJO, 2010, p.26). O contingente populacional da cidade aumentava com as constantes estiagens. Isso ocorria devido à cidade se localizar entre o caminho que leva do sertão ao litoral.

Em torno do desenvolvimento pelo qual passava, a cidade “apresentava sensível modificação na sua arquitetura, na qual tornou-se evidente a presença de hotéis, lojas e sobrados azulejados ornamentados, com fachadas altas, janelas e portas altas decoradas com vidros e detalhes” (NASCIMENTO, 1997, p.69). Junto a todas essas transformações, Campina Grande vivenciava significativas mudanças em seu cotidiano, principalmente nos assuntos relacionados à economia e à política. Com isso se torna uma das mais importantes cidades do Estado, chegando a produzir e comercializar seu principal produto agrícola o algodão para os grandes centros de comércio da Europa, via cidade de Recife. A cidade se encontra em importante ponto estratégico, situada entre o litoral e o sertão, de onde vinham os principais produtores de algodão do Estado. Para Nascimento,

Nesse período Campina Grande destacava-se das demais cidades paraibanas como espaço propício para centralizar o comércio do interior, condições que haviam sido construídas ao longo do seu surgimento e desenvolvimento. Provavelmente em função de sua posição geográfica, localizada entre litoral e o sertão, transformando-se em ponto de encontro entre tropeiros e boiadeiros que se deslocavam do interior para o litoral, surgindo desses encontros a feira, que projetou a cidade a nível regional (NASCIMENTO, 1997, p.4).

As mudanças que a cidade vivenciava influenciava na maneira dos pais educarem seus filhos. Era urgente a implantação de novas práticas pedagógicas que tirassem dos futuros cidadãos campinenses hábitos tidos como incivilizados, atrasados, arcaicos, sujos, anti-higiênicos, o que não caíria bem para moradores de uma cidade que buscava se apresentar diante dos grandes centros civilizados do Brasil, como era o exemplo da capital da República o Rio

de Janeiro, enquanto moderna e civilizada, aberta as novas demandas de um mundo em constante transformação.

Nesse contexto, o Instituto Pedagógico Campinense foi, para a população de Campina Grande, um exemplo de instituição de ensino que se adequava às novas exigências pedagógicas propostas pelos padrões modernos que os moradores locais faziam questão de vivenciar. Oferecendo o ensino de Educação Física, os diretores do Instituto buscavam modernizar e civilizar o corpo das crianças que frequentavam os bancos escolares da instituição, de acordo com o projeto modernizador e civilizatório implementado na cidade, que tinha na prática da Educação Física o caminho pelo qual se buscava educar, disciplinar, higienizar, modernizar e civilizar o corpo das crianças, aquelas que, em um futuro próximo, iriam ser os legítimos representantes da Pátria campinense.

Neste capítulo buscamos demonstrar como esses discursos fizeram parte da realidade das práticas pedagógicas do Instituto Pedagógico Campinense durante a administração do Tenente Alfredo Dantas. No próximo capítulo discutiremos como as práticas da Educação Física, se diferenciavam entre os sexos masculino e feminino no Instituto Pedagógico Campinense. Homens e mulheres praticavam os exercícios físicos que melhor se adequassem ao seu corpo. Atividades que exigissem muito esforço físico eram destinadas aos homens. Já as mulheres praticavam os exercícios mais leves. Essa é a História que segue.

III - EXERCÍCIO

“CULTURA PHYSICA PARA O SEXO FEMININO”: PRÁTICAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO PHYSICA.

Além da gymnastica, que deve educar sem coagir, temos os jogos, corridas etc, que servem para desenvolver espontaneamente as atividades das meninas e das moças, os quais oferecem ótima oportunidade de se conhecer as qualidades de cada uma (REVISTA ESVOUÇÃO, 1931, nº3, p.26).

O objetivo deste capítulo é analisar como, no Instituto Pedagógico Campinense, o ensino de Educação Física e as práticas esportivas diferenciavam-se entre os sexos masculino (dotado de um corpo³⁸ forte fisicamente), e o sexo feminino (visto como o sexo frágil, delicado, belo e destinado às atividades mais leves e sutis; destinados à uma educação doméstica e à administração do lar).

Partindo desses pressupostos, é nítido que, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, alguns países começaram a perceber a necessidade de “fortalecer o corpo feminino mediante a prática de atividades físicas, objetivando prepará-lo para a condução de uma maternidade sadia” (GOELLNER, 2008, p.12). Esse fato contribuiu para que muitas mulheres, que faziam parte das camadas mais abastadas da sociedade, passassem a praticar regulamente alguns tipos de atividades físicas e de esportes com o propósito de fortalecer determinadas partes do corpo, tornando-o belo e forte fisicamente, capaz de suportar os desafios da maternidade. As atividades físicas e os esportes praticados por mulheres entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras três décadas do século XX, estavam mais relacionadas com questões que as preparassem para a maternidade, tendo na saúde corporal e na manutenção da beleza, sua principal função. “As práticas corporais embelezam as mulheres ao mesmo

³⁸ Para Albuquerque Júnior “O corpo masculino é um corpo apagado naquilo que é mais próprio, um corpo sem sensibilidade, um corpo castrado na expressão livre dos efeitos trazidos pelos afetos das coisas e das pessoas. É um corpo domado, enrijecido, construído como uma carapaça muscular, que visa a protegê-lo do mundo exterior. Um corpo que busca ser impenetrável aos afetos externos, que tem medo de tudo que o ameace violar ou atravessar, tudo que possa amolecer, desmanchar, delirar. O corpo masculino é pensado como um corpo instrumental, um corpo a serviço de si mesmo, autocontrolado, autocentrado, artista, fechado, travado. O corpo masculino teme a fuga, teme o desejo, teme o afeto, teme tudo que o possa arrastar para fora de si mesmo, possa gerar o descontrole, a abertura, a fragmentação, a viagem. Corpo pensado e treinado para se defender, para dominar a si mesmo e a outros, corpo treinado para ser reativo a tudo que vem de fora, corpo reacionário. Corpo adormecido, corpo censurado, corpo anestesiado, corpo pânico” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p.24).

tempo que colaboram na aquisição e manutenção de um bom estado de saúde” (GOELLNER, 2003, p.32).

Enquanto a beleza referia-se ao respeito e caráter pessoal de cada um, seja mulher ou homem, a maternidade era uma função social imprescindível à mulher: um destino que todas elas tinham que seguir. Daí dependia a manutenção de toda uma geração familiar. Os filhos nascendo saudáveis seriam a garantia de que no futuro as manutenções dos bens da família se estenderiam pelas próximas gerações. Na maternidade, a mãe, além de preservar sua virtude pessoal, tende a demonstrar, diante dos demais, um corpo harmônico, higiênico e bem preparado fisicamente. Só assim teriam filhos/as saudáveis e fortes capazes de suportar a labuta diária que a vida em uma sociedade moderna exige.

Para as mulheres, a falta de cuidados com o corpo, a preguiça, a falta de exercícios físicos e de esportes são criticadas. Da mesma maneira que o uso excessivo de maquilagens, produtos químicos, ornamentos no cabelo, pescoço, unhas, orelhas, roupas muito apertadas, ou que deixasse parte do corpo à mostra, a altura dos sapatos; muitas dessas práticas cotidianas não eram dignas de mulheres de boa família. As que assim se comportavam não era bem vistas diante da sociedade. Uma mulher de família que presasse pela sua aparência social se comportava de acordo a exigência dos códigos sociais. De tudo isso dependia a reputação da família e da sociedade que estava em jogo. Só uma mulher bem comportada podia conseguir um bom casamento. O corpo feminino, quando participava de atividades físicas, era vítima de inúmeras restrições, dentre elas não praticar exercícios pesados e que exigissem grandes esforços físicos.

No Brasil, o trabalho físico das mulheres ocorria em função da regeneração e aprimoramento da “raça” brasileira. O país copiou os modelos de educação física feminina dos principais países da Europa, como por exemplo, da França, Suíça e Alemanha. Com o intuito de incentivar a prática de atividades físicas entre as mulheres brasileiras. A educação feminina passa no início do século XX, a estar na ordem do dia. Era urgente que se realizassem esforços com o objetivo de preparar intelectualmente nossas mulheres. Para Oliveira,

Nas principais cidades do Brasil, a exemplo do que vinha ocorrendo na Europa desde o século XVIII, instaurava-se, a partir da emergência republicana, um movimento médico-higienista que investia no corpo familiar, gerando transformações nos comportamentos da mulher – esposa, mãe e doméstica -, bem como no homem, como dar mais flexibilidade à mulher e “acostumar-se” com os novos discursos que irrompiam na sociedade (OLIVEIRA, 2002, p.202).

Esses esforços tinham por objetivo maior tornar a mulher brasileira, adequada aos preceitos de “raça” e Nação, pelo qual o país passava. A educação feminina estava voltada para preocupações em cuidados com a educação do corpo. Assim, a Educação Física ganha importância salutar nesse grande projeto nacional. O corpo feminino, do mesmo modo que o masculino necessitava de um maior preparo físico para que suportasse as batalhas cotidianas dignas de um país moderno e civilizado. Pacheco, atribui que,

[...] a educação física, era considerada como um componente fundamental para formar uma nova nação, uma nova raça. Através do higienismo e do eugenismo, utilizou-se a educação física/esporte para a implementação do novo projeto de modernização da sociedade brasileira, destinando à mulher, estereotipada como figura materna, a tarefa de gerar o futuro “saudável, resistente e forte” do país. Portanto, “embelezá-la, transformá-la em elemento sadio de procriação, tal deve ser o objetivo de todos os que se interessam pelo aprimoramento racial e cultural de uma nação. O meio é a educação física” (PACHECO, 1998, p.3).

O ensino de Educação Física se voltava para as preocupações das autoridades brasileiras sobre a formação de uma Nação. Os discursos higienistas e eugenistas, se utilizam da prática dos exercícios físicos, como meio de implementação desse projeto modernizador. Caberia à mulher, através da prática constante de exercícios físicos, gerar filhos fortes e saudáveis, atendendo a tais propósitos civilizatórios. Com os exercícios físicos fazendo parte de sua formação intelectual e física, as mulheres poderiam conduzir uma gravidez saudável, sem pôr em risco a saúde de seu filho. Educando a mulher, seu corpo também estaria sendo educado, disciplinado e higienizado. A mulher, estando higienizada e portando bons hábitos, os demais membros da família tendiam a segui-la. O marido segue o exemplo da esposa e os filhos/as, os da mãe. A figura feminina representava o espelho da família.

Para Lima e Dinis (2007), a prática de atividades físicas sistematizadas no começo do século XX no Brasil, passa a estar fortemente ligada ao discurso de formação da “raça” brasileira. De forma semelhante ao ocorrido na Europa, percebe-se que a Educação Física esteve fortemente ligada às instituições militares e médicas, sendo reconhecida como importante para a saúde da população, principalmente por sua legitimação atestada pelos médicos higienistas. Foi a partir da associação entre capitalismo emergente, necessidade de crescimento e dificuldades sociais, baseada no ideal positivista de médicos e militares, que a prática dessa disciplina adentrou os espaços das escolas brasileiras.

A Educação Física nas escolas é compreendida como um meio de promover a saúde individual e coletiva, tendo como objetivo maior a melhoria da nação, educando homens e mulheres aptos a desempenharem seus papéis dentro da nova sociedade que emergia no Brasil.

Os ideais em torno das práticas físicas, vieram atender à demanda de organização dos corpos, de purificação dos sujeitos e melhoria da mão de obra. Nessa nova sociedade que se formava “a educação do corpo faz-se fundamental para as aspirações capitalistas, uma vez que a força de trabalho torna-se a base da economia. Vê-se então, uma forma renovada de intervenção política no corpo” (LIMA & DINIS, 2007, p.3). A Educação Física atuava de forma direta sobre o corpo dos sujeitos, ditando normas de bom comportamento, disciplina e higiene.

No Brasil, este foi um período de preocupação com o fortalecimento do corpo feminino visando uma maternidade sadia, com o objetivo de cunho nacionalista, depositando na educação da mulher o papel de fortalecimento dos ideais de nacionalismo e Pátria, através da regeneração física e racial da população. As mães brasileiras tinham que se apresentarem com o “corpo em forma”, só assim podiam criar filhos fortes e sadios. Se não se dedicassem à preservação e manutenção de um corpo harmônico, não podiam gerar filhos sadios e belos fisicamente.

Através da prática de exercícios físicos, se atingia a harmonia e beleza do corpo. As atividades físicas realizadas pelos homens possuíam o objetivo de torná-los fortes suportando as exigências do trabalho militar e industrial. O corpo masculino é um corpo musculoso, forte, viril e ágil, acima de tudo. As mulheres, para desempenharem as atividades domésticas e da maternidade, precisavam cultivar um corpo fisicamente capaz de suportar as tarefas diárias do lar, mas sem perder a beleza e essência dos movimentos típicos do sexo feminino. A prática regular de exercícios físicos e de esportes adequados ao corpo feminino os tornava mais capacitadas a uma maternidade sadia e à manutenção da beleza.

De acordo com Silvana Vilodre Goellner (2003), nas três primeiras décadas do século XX no Brasil, as mulheres passaram a ser responsabilizadas pela sua aparência física, sendo instigadas a participar do universo das práticas corporais, empenhando esforços não apenas para beneficiar seu estado de saúde, mas também para serem reconhecidas e aprovadas pelo olhar masculino: um olhar que a submete ao imperativo da sedução, isto é, a um discurso cuja sustentação fundamenta-se na associação da aparência feminina como sinônimo de beleza física e jovialidade.

Para manter e preservar a beleza, as mulheres normalmente faziam exercícios de pernas, abdômen, rosto, mãos, ombros, braços, cintura e pés; exercícios exclusivos para desenvolver a flexibilidade e agilidade, para respiração, músculos, glândulas, hormônios, para diminuir o peso, para modelar o corpo a partir dos padrões de beleza da época. “Para ser bela há que abandonar velhos hábitos como o uso de espartilhos, das cintas e das roupas apertadas que deformam o corpo, pois a beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento”

(GOELLNER, 2003, p.35). A beleza feminina estava atrelada aos preceitos de um corpo perfeito, que a torna atraente e sensual à vista do olhar masculino. Para ser feminina, a mulher tinha que ser graciosa e virtuosa.

O fortalecimento do corpo feminino passou a ser, no início do século passado, uma necessidade nacional. Em relação à mulher e também ao homem, a fraqueza, a indisposição a debilidade física, são vistas como grandes males sociais, que precisavam ser evitados e combatidos, quando necessário. Esses males prejudicavam os dois sexos, mas de forma diferente um do outro, cada um à sua maneira. Destinar os sujeitos, masculino e feminino, à prática de atividades físicas, era uma necessidade, “no entanto, deveriam ser resguardadas as especificidades da ‘natureza’ dos corpos que, por serem considerados como distintos, reclamavam práticas diferenciadas”, resguardando as respectivas diferenças entre os sexos (GOELLNER, 2008, p. 13). A educação das mulheres passou a requerer uma série de cuidados. A escola³⁹ foi o espaço onde nossa sociedade passou a divulgar melhor esses cuidados. Segundo Pacheco,

[...] o discurso higienista-eugenista recomendava a prática de atividades físicas para as mulheres contanto que houvesse uma adequação às suas especificidades biológicas. Havia uma preocupação de se entender as mulheres para planejar-se um programa condizente com suas características físicas, emocionais e psicológicas. A figura feminina, dispondo de um corpo ‘frágil’, emocionalmente ‘instável’ e com personalidade de ‘tendência fraca’, merecia cuidados especiais. A educação física deveria não só trazer-lhe benefícios físicos, mas, sobretudo, morais (PACHECO, 1998, p.3).

O corpo feminino requeria uma série de cuidados antes e depois das atividades físicas⁴⁰. À mulher era proibida a prática de quase todos os exercícios físicos praticados pelos homens. Um sexo frágil e delicado precisava de atenção especial. Recomendavam-se exercícios mais leves e suaves como, natação, dança e patinação. “Um corpo delicado não poderia ser submetido a esforços intensos, do mesmo modo que o trabalho da força não lhe era indicado, sob a pena de tornar-lhe a aparência masculina” (PACHECO, 1998, p.4). A intenção desses

³⁹ Para a estudiosa brasileira do conceito de gênero Guacira Lopes Louro, “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas” (LOURO, 2010, p. 57).

⁴⁰ “A Educação Física parece ser, também um palco privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo” (LOURO, 2010, p. 74).

discursos estava relacionada a não deixar a mulher ficar com a aparência masculina. O masculino e o feminino⁴¹ dizem respeito a um mundo de homens e mulheres, que coexistem juntos mas que fica marcado pelo pouco diálogo que estabelecem entre um e o outro. Partindo do que entendemos pelo conceito de gênero⁴², em nossa sociedade as pessoas não nascem masculino ou feminino, se tornam masculino ou feminino de acordo com as definições e as modelações que uma dada sociedade e cultura dão a estes conceitos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010).

Pesquisando a revista *Era Nova* do ano de 1923, encontramos o artigo a *Educação Doméstica*, de autoria de Albertina Correia Lima, segundo a qual a instrução feminina contribui para uma melhor orientação da administração dos afazeres domésticos. Uma mulher instruída é capaz de repassar aos demais membros da família ou seja ao marido e aos filhos/as aspectos de inteligência e cultura. Sendo assim,

A instrução na mulher, em vez de ser um poderoso estorvo ao exacto cumprimento dos deveres domésticos, como pretendem alguns críticos, com eles se allia harmonicamente e como que se integralizam pelo melhor esclarecimento e orientação que imprimem aos negócios do lar.

Com effeito, uma mulher educada e instruída deixa, por toda a parte de seu lar, vestígios de inteligência e cultura. Ella sente necessidade de aperfeiçoar e embelezar todas as coisas; suaviza e enobrece as ocupações materiaes com perfume de suas virtudes, a luz de seu espirito e a elevação de suas idéas [Sic.]. (REVISTA ERA NOVA, 1923).

No documento citado, é evidente a reivindicação, por parte da autora, de uma educação para o sexo feminino. Analisando o presente discurso, percebemos que o mesmo defende a ideia de que a educação dos outros membros da família passa, primeiro, pela educação da mulher, da mãe, da progenitora e administradora do lar. A mulher ocupava múltiplas funções e era a responsável direta pela educação dos filhos. O marido se responsabilizava pelas atividades que exigiam grandes esforços físicos como o trabalho braçal na indústria. O sustento financeiro da família era uma função característica do sexo masculino.

⁴¹ “Experiências vivenciadas no cotidiano das aulas de educação física no ambiente escolar permitem observar aulas predominantemente, quando não exclusivamente, práticas, desprovidas de momentos de reflexão e discussão. Professores que, embora trabalhem com turmas mistas, insistem em separar os alunos, a partir do gênero (masculino e feminino), circunscrevendo meninas e meninos a determinado universo de atividades historicamente concebidas como femininas ou masculinas e, deste modo, reforçando estereótipos e preconceitos” (CORRÊA, 2006, p.2).

⁴² O conceito de gênero traz à tona as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres enquanto produtos de construções sociais. A historiadora norte-americana Joan Scott (1989), quando formula o que ela entende por ser o conceito de gênero nega a “razão” biológica dos sujeitos e aponta os aspectos culturais como produtores das diferenças entre os sexos.

Atividades como vigiar as crianças, observando se elas/es estavam fazendo as atividades escolares, educar e corrigir os desvios de caráter, e incentivar a prática de Educação Física, evitando que elas tenham contatos com moléstias e maus hábitos, era principalmente uma tarefa feminina. A função da mulher sobre a educação dos filhos/as era de torná-los sujeitos disciplinados. Para Foucault “A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2010, p. 164). Portanto, dos cuidados das mães com a educação de seus filhos/as dependia o futuro da Pátria,

E a mulher é multiplamente mãe, porque é também a mãe da inteligência e do coração de seus filhos. Ella deve vigiar o desenvolvimnto de suas faculdades intellectuaes, educar seu character, interessar-se pela sua cultura physica, procurando mesmo evitar as moléstias hereditárias e corrigir certos defeitos orgânicos, adquiridos ou transmitidos por hereditariedade ou atavismo. Destes cuidados, muitas vezes julgados fúteis, depende o porvir do homem e da nação [Sic.]. (REVISTA ERA NOVA, 1923).

Entre as diversas atividades realizadas pela mulher no lar, Albertina Correia Lima destaca que uma boa mãe de família é aquela que, “Sabe empregar com exactidão as horas do dia, se manter no nível de sua posição e inspirar estima ao esposo, obediência aos filhos e respeito aos fâmulos”. Sabe com esmero empregar com dedicação e obediência as horas do dia, respeita e obedece o esposo e os filhos. “Sabe, emfim, tornar o seu lar um centro de atracção irresistível, o que o faz exercer uma poderosa influencia educadora sobre os que nelle habitam” (REVISTA ERA NOVA, 1923). Contribui com seu trabalho diário para que o lar onde vivem os demais membros da família, seja um lugar de felicidade, harmonia e beleza,

O governo do lar doméstico alveja particularmente a prosperidade do casal, a felicidade do esposo e o futuro dos filhos, e que por isso a administradora precisa entrar em uma outra ordem de conhecimentos, que elevem o espirito e desenvolva a reflexão [Sic.]. (REVISTA ERA NOVA, 1932).

O discurso de engrandecimento e modernização do país estava presente nas páginas de diversos meios de comunicação no início do século XX. No Brasil, do mesmo modo do que vinha ocorrendo na Europa, o corpo feminino é lapidado “aos moldes eugênicos do começo do século XX. Tratava-se de uma luta por espaço. O corpo feminino reivindicava o direito à busca da saúde e perfeição física” (SOARES JÚNIOR, 2011, p.174). As atividades físicas praticadas pelas mulheres visavam demonstrar, diante da sociedade, que o sexo feminino também era capaz de praticar esportes e, assim, preservar a beleza de seu corpo. Mesmo voltada para a maternidade as práticas esportivas estavam vinculadas a manutenção de um padrão de beleza.

A Educação Física auxiliava as mulheres nesse processo de preservação e manutenção da beleza, que era copiada pelas principais cidades brasileiras, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, a partir dos modelos que vinham das grandes capitais da Europa, como Paris, e que, chegando ao Brasil, causava um certo burburinho entre nossas mulheres que tentavam a todo custo copiar ou imitá-los. Apesar de um corpo fisicamente preparado, ajudar na maternidade as mulheres buscavam alcançar a beleza física. Essa preocupação com a beleza do físico é exposta na passagem abaixo do jornal *A União*, de 1931. Vejamos:

A gymnastica terá ainda mais valor pedagógico si tiver beleza congruente a conveniência pelo organismo feminino. Há tentação de ver as duas coisas como sinonimos e dizer que: somente e quando os exercícios são effeito da energia e do rythimo natural, terão poder educativo geral, e só assim terão ao mesmo tempo beleza [Sic.]. (A UNIÃO, 1931).

A *Gymnastica* e as práticas esportivas voltadas para o sexo feminino buscavam realçar a beleza. “Os cuidados com o corpo contribuíam diretamente para a beleza feminina” (SOARES JÚNIOR, 2011, p. 175). A Educação Física praticada pelos homens estava voltada para a preparação no trabalho muscular, já em relação as mulheres os exercícios buscavam exercitar, de maneira mais detalhada, o corpo, para que o mesmo suportasse os desafios da maternidade. A preocupação com a maternidade era exclusiva das mulheres. Os homens não eram cobrados a respeito das obrigações com a paternidade dos filhos/as.

A força era um atributo associado ao corpo masculino. O corpo da mulher era visto como delicado, sinônimo de sutileza e beleza. Por isso, para alguns especialistas no assunto, as atividades físicas no início do século XX, devia ser exclusiva para os homens. As mulheres, quando praticavam exercícios físicos, perdiam a essência característica do corpo feminino.

Goellner (2003), estudando a *Revista de Educação Physica*⁴³ produzida no Brasil na década de 30, atestou que movimentar o corpo indolente e preguiçoso, mais que uma vontade individual, é também uma intervenção política de controle e de cerceamento, pois sobre ele depositam-se saberes e poderes disciplinares orientados pela lógica do trabalho e da produção. Eis a razão pela qual as práticas corporais e esportivas são amplamente incentivadas, como possibilidade de divertimento e disciplinarização, tornam-se representativas de uma sociedade que, para se coroar, prescinde tanto de liberação como da canalização produtiva de um gesto educado.

Lima e Diniz (2007), afirmam que a prática de exercícios físicos sempre esteve relacionada ao esquadrinhamento do corpo e à exposição das habilidades como centro de sua

⁴³ A *Revista Educação Physica* foi criada no ano de 1923 e circulou até 1945. Ver (GOELLNER, 2003, p.18).

prática. “Os alunos e alunas precisam expor-se frente aos demais, realizar as atividades perante os olhares avaliativos de colegas, professoras e professores” (LIMA & DINIZ, 2007, p.6). Ocorrendo,

A exposição das fraquezas ou das qualidades faz com que a aula de Educação Física sirva como forma de vigilância, uma vez que a aluna e o aluno estão sendo observados o tempo todo, avaliados e julgados. Na perspectiva da Educação Física hegemônica, o aluno e a aluna não escrevem, não falam, não fazem provas ou trabalhos, eles não podem se esconder atrás das palavras. Seus corpos são a expressão máxima de suas virtudes e vícios e as avaliações são feitas a partir da observação de sua postura, de suas habilidades e dificuldades em um exercício constante de visibilidade (LIMA & DINIZ, 2007, p.6).

Então, nas aulas de Educação Física nas escolas, predominou uma vigilância constante por parte do docente responsável pelo ensino dessa disciplina, atentando para que todos os aspectos estivessem condizentes com a postura do discente. O corpo a todo momento é visto, corrigido, vigiado, adestrado, tornando-o “dócil”⁴⁴. Os movimentos são observados e corrigidos de acordo com as exigências de cada docente. Gestos e posturas que prejudicassem o aprendizado eram, de imediato, repreendidos. Os métodos avaliativos ocorriam levando-se em consideração a postura e o movimento do corpo. As aulas de Educação Física funcionam como um excelente dispositivo disciplinar. A disciplina buscava alcançar a postura física ideal.

No Brasil da década de 1930, as autoridades, imbuídas pelos ideais modernizadores e civilizatórios, fruto das experiências vividas por alguns países europeus, começam a se empenhar em concretizar o sonho de educar os brasileiros no campo das práticas esportivas, cabendo à Educação Física a tarefa maior de inclusão dos brasileiros nos esportes, “no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizadora” (GOELLNER, 2003, p.17). No país foi sentido um entusiasmo, por parte dos educadores, com a capacidade que a atividade física tinha sobre a saúde corporal, aquisição e manutenção de práticas saudáveis, da beleza estética e força produtiva dos sujeitos.

A escola passa a ser o espaço ideal para a divulgação do ensino de Educação Física. Nela as crianças vão aprender os verdadeiros benefícios que os exercícios físicos trazem ao corpo que se exercita. O objetivo era despertar a consciência das crianças dentro do espaço escolar para os benefícios que a prática da Educação Física proporcionava à sua educação. Ainda cedo a criança adaptava-se aos exercícios físicos. E repassava aos demais membros da

⁴⁴ Ver (FOUCAULT, 2010).

família os benefícios das práticas esportivas quando feitas regulamente. Atuando apenas sobre a criança, a escola atingia toda a família. Para os educadores e autoridades incumbidas pela educação da juventude brasileira

É na infância que a ternura e a maleabilidade do indivíduo tornam mais poderosos e duradouros os impulsos e os instintos recebidos e arraigados desde o nascimento. É a repetição constante de pequenos actos, que constitue o caracter individual e, por consequência, o caracter nacional (REVISTA ERA NOVA, 1923).

O corpo infantil era mais fácil de ser moldado a partir dos ideais pretendidos pelo Estado. Através da repetição de bons hábitos, a criança tornava-se um cidadão perfeito intelectualmente e fisicamente. Para Oliveira é na infância que a criança adquire um valor e uma importância singular, pois os pais passam a se preocupar com a sua educação, com a valorização do caráter dos filhos. Era uma estratégia de poder do Estado que via na criança um “soldado” em potencial, militarizando o seu corpo através de exercícios corporais, inserindo disciplinas como Ginástica e Exercícios Físicos nos currículos das escolas públicas. A criança foi “amarrada” a uma teia de discursos e presa psicológica, financeira e emocionalmente à “célula-mãe” da sociedade: a família (OLIVEIRA, 2002, p. 197-198).

A família determinava papéis distintos para meninos e meninas a partir de suas características sexuais. As crianças, desde bem cedo, tinham que aprender quais os papéis e funções que haveriam que ocupar na sociedade. O futuro homem deveria saber quais desafios os esperavam em uma sociedade moderna, que buscava a todo instante equiparar-se aos grandes centros do mundo em matéria de civilização e desenvolvimento. O mesmo acontecia com a futura mulher brasileira que já durante a sua infância conhecia quais as suas funções e atribuições nos rumos que o país tomava.

Com a criação de um órgão especializado no assunto da Educação Física, como a *Revista de Educação Physica*, as práticas esportivas femininas passaram a ser divulgadas com mais frequência. “Turfe, remo, natação, saltos ornamentais, esgrima, tênis, atletismo, arco e flecha, voleibol, basquetebol, ginástica e ciclismo são algumas das modalidades que, inicialmente, registram o maior número de atletas mulheres” (GOELLNER, 2003, p.26). No jornal *A União* de 1931, foi publicado o artigo a *Gymnastica*, no qual atesta que,

A respeito de gymnastica feminina precisamos desde o começo procurar compreender o caráter feminino e a maneira feminina de movimento, e desde o começo combinar exercícios completamente novos e convenientes. Quer dizer que também será uma questão esthetica. Mas qual será a razão anatômica ou physiologica para ficar com posições e movimentos que são esteticamente condenados? Não há razão nenhuma; podemos influencia” os mesmos

músculos e as mesmas articulações ainda melhor pelos exercícios inteiramente estheticos. A gymnastica terá ainda mais valor pedagógico si tiver beleza congruente a conveniência pelo organismo feminino [Sic.]. (A UNIÃO, 1931).

Quando o assunto se refere ao ensino de Educação Física nas instituições de ensino de Campina Grande no início do século XX, o Instituto Pedagógico Campinense destacava-se na educação da mocidade campinense por disponibilizar aos seus discentes os exercícios físicos para os sexos masculino e feminino contrariando a norma⁴⁵ seguida por muitas instituições de ensino do período, que criticavam a realização de exercícios físicos por mulheres. Acreditava-se, na época, que as atividades físicas pudessem prejudicar o desenvolvimento do organismo feminino. Pelo que vemos no discurso abaixo, da professora normalista Francisquinha de Amorim, o Instituto foi pioneiro no ensino dessa disciplina às jovens de Campina Grande. A professora escreve e publica o artigo *CULTURA FÍSICA: Para Família Campinense*⁴⁶, no terceiro número da revista *Evolução* de 1931, defendendo os benefícios das práticas esportivas e do ensino de Educação Física, frequente para o corpo das discentes do Instituto. Para os moradores de Campina Grande era absurdo uma instituição do porte do Instituto Pedagógico Campinense ofertar o ensino de Educação Física ao sexo feminino. Segundo Francisquinha Amorim,

A educação moral não prescinde da educação física. Quem se habitua ao exercício corporal, sabe pautar seus atos; vence nas maiores dificuldades; não retrocede; em síntese, vive bem.

Os mais abalisados educadores e moralistas tiraram a conclusão de que é contraproducente a educação das escolas que condenam as alunas a passar o dia sentadas nos bancos, privadas de qualquer movimento. Há escolas cujas discentes, sem ao menos terem o recreio necessário. Alguns preceptores tornam-se verdadeiros assassinos mentais, pois, matam aos poucos as faculdades psíquicas de seres, dos quais deviam fazer grandes e elevadas criaturas! Por mais inteligente que seja o escolar, termina um imbecil, submetido a um regime tão bárbaro! [Sic.]. (REVISTA EVOLUÇÃO 1931, Nº 3, p. 26).

Com as aulas dessa disciplina, os discentes conseguiam adaptar seu corpo aos desafios da vida. Tornavam-se seres mais saudáveis, serenos e compreensíveis. O exercício físico funcionava como um momento de descanso mental. Nos exercícios praticados antes ou após a

⁴⁵ “A norma é o elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto dos indivíduos; por isso, ela permite a comparação entre os indivíduos. Nesse processo de individualizar e, ao mesmo tempo, remeter ao conjunto, dão-se as comparações horizontais – entre os elementos individuais – e verticais – entre cada elemento e o conjunto. E, ao se fazer isso, chama-se de anormal aqueles cuja diferença em relação a maioria se convencionou ser excessivo, insuportável. Tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque desvia, tira do rumo, leva a perdição” (VEIGA-NETO, 2007, p.75).

⁴⁶ Nesta monografia intitulamos a capítulo II de *CULTURA FÍSICA: Para a Família Campinense*.

discursão dos conteúdos em sala de aula, os discentes conseguiam adaptar o corpo para que o mesmo se movimentasse, não ficando em uma mesma posição por tanto tempo consecutivo, o que pode causar transtornos físicos e mentais.

Para os médicos, os discentes que passavam muitas horas sentados nos bancos escolares tinham maior facilidade em adquirir doenças. Era preciso analisar, de forma detalhada, a maneira dos discentes sentarem nos bancos escolares. Uma postura imprópria, um movimento mal feito podia trazer traumas em diferentes partes do corpo. Nas salas de aula, do mesmo jeito, que nas aulas de Educação Física, era preciso que o docente, a todo instante, corrigisse a postura dos discentes. A maneira de sentar, abaixar para apanhar objetos no chão como lápis, cadernos e borrachas, de apoiar os braços sobre o banco escolar, tudo era minuciosamente vigiado e corrigido, sempre que possível pelo docente, que sempre mostrava-se atento e vigilante aos mínimos detalhes. “A preocupação com a postura dos alunos ao sentar visava eliminar os desvios e excessos depositados no corpo, tratava-se de uma questão de bons hábitos e assegurava a saúde individual” (SOARES JÚNIOR, 2011, p. 156). Dentro ou fora da sala de aula nada escapava ao olhar atento dos responsáveis pela educação. Essas precauções com a postura do corpo das crianças faziam parte de uma pedagogia com a função de melhorar o aspecto corporal e intelectual.

Os médicos passaram a ter presença constante dentro das escolas ditando normas de higiene, bons modos, fiscalizando a estrutura física dos prédios, as vestimentas dos discentes e docentes, observando os assoalhos, os banheiros, os refeitórios, as salas de aula, as carteiras, a alimentação, a postura física dos sujeitos. Era preciso que os exercícios físicos tivessem sempre de acordo com a formação corporal e idade de cada indivíduo. No jornal *Brasil Novo* de 23 de Maio de 1931, é publicado um artigo com o intitulo de *A Educação Physica* que nos fala o seguinte a respeito das diferenças das atividades físicas entre homens e mulheres. Atentamos para a passagem abaixo,

A educação physica não póde ser igual para todos. É preciso saber classificar os indivíduos em grupos de necessidades afins, para regular os exercícios em vista do órgão que necessita trabalho mais intenso ou especial dedicação. Esta seleção não pode ser feita senão por um médico, depois de um exame do indivíduo, médico esse que na ficha correspondente daria seus pontos de vista ao instructor [Sic.] (BRASIL NOVO, 1931, p.3).

Em tudo que dizia respeito à preparação física do corpo e à prática de esportes, o médico estava presente, seja no momento da matrícula, na consulta de documentos, nas aulas de higiene, na fiscalização da merenda escolar, no momento de prescrever quais os melhores exercícios físicos para cada idade ou sexo. Na regulamentação dos jogos mais adequados, era

mais correto que meninos e meninas praticassem suas atividades físicas levando em consideração aqueles exercícios que melhor se adequassem a seu corpo. Desse modo, médicos e professores recomendavam que os exercícios físicos fossem praticados levando em consideração a idade, tamanho e sexo de cada sujeito. Com isso as crianças começavam a praticar as atividades físicas ainda durante a sua infância. Era uma,

Campanha que médicos e educadores sustentam entusiasticamente, afim de dar, cientificamente, a cada homem o máximo de suas possibilidades físicas.

Estudos profundos, consequência de experiências devidamente controladas, nos levam a dividir a educação física em cinco períodos.

1. – A primeira infância, até seis anos;
2. – O período pre-pubertário até 13 annos (Educação física elementar);
3. – O período pubertário e post-pubertário até aos 18 annos (Educação física secundário);
4. – O jovem a partir de 18 annos (Educação física superior e desportiva);
5. A idade madura a partir de 35 annos, na qual falaremos de práticas hygienicas da velhice [Sic.] (BRASIL NOVO, 1931, p.3).

O mais correto era que a prática dos exercícios começasse o mais breve possível, adequando o corpo à rotina dos exercícios que se estenderiam pela idade adulta. As meninas realizavam os exercícios mais leves que tinham mais a ver com sua educação doméstica, já que as mesmas eram educadas para serem exemplos de boas filhas, esposas e mães virtuosas. Entre os exercícios físicos que melhor se enquadravam ao desenvolvimento físico existia as danças, as prendas domésticas e as atividades de bordado.

Aos meninos eram destinadas atividades físicas que buscassem seu desenvolvimento físico, por isso era indispensável as atividades físicas mais pesadas, que exigiam maior esforço físico como corridas, jogos de “futt boll e voleyboll” e os exercícios de aparelhos de barra. Sua formação estava destinada ao serviço militar e à defesa da Pátria. As mulheres deviam evitar esses esportes por serem considerados rudes e requerer em uma maior preparação física e técnica; a prática desse tipo de esporte podia ferir e causar transtornos físicos ao corpo feminino. Por isso ao lado das aulas de Higiene era fundamental o complemento da prática da Educação Física, disciplinas que almejava uma maior formação física para os jovens, desde que estivessem adequados a seu sexo e idade. A Educação Física para homens e mulheres era parte de um programa de saúde, normatizando costumes e disciplinando corpos, aumentando o autocontrole dos sujeitos, fortalecendo o caráter físico, desejos e paixões. Nisso, segundo Goellner, as atividades físicas

Fazem parte de um conjunto de medidas profiláticas que objetivam definir, determinar, propor e impor um determinado estilo de vida saudável para o qual são indicadas formas de ser, de se comportar, de comer, de se divertir, de trabalhar, de se embelezar, de fazer amor, de casar (GOELLNER, 2003, p.83).

Era nítida a presença do discurso médico nas prescrições feitas aos praticantes de exercícios físicos. Isso se deve, ao fato da importância que o discurso médico passou a ter no começo do século passado nas principais cidades brasileiras. Esse tipo de discurso ganhou tanta notoriedade que os discentes, antes de praticarem os exercícios físicos nas escolas, tinham que passar por rigorosa análise médica, identificando os desvios de conduta e maus hábitos. Esses desvios eram corrigidos nas aulas de Educação Física. Para que isso fosse possível era preciso que o instrutor responsável pelo ensino dessa disciplina agisse com disciplina atentando para todos os movimentos e gestos praticados pelos discentes.

O ensino de Educação Física nas escolas buscava formar um corpo harmônico, disciplinado, belo e saudável. Para que os discentes conseguisse alcançar tais objetivos seu corpo teria que se encaixar nessas capacidades intelectuais. A respeito do ensino dessa disciplina seria importante que os praticantes percebessem aspectos relacionados ao gênero. De acordo com as concepções de Maria Stephanou (2010), “a escolarização da educação física indica uma proposição específica quanto ao gênero. Se era importante a educação física do homem, mais ainda a educação física da mulher, de cujas qualidades biológicas dependiam a vida e a saúde de seus filhos” (STEPHANOU, 2010, p.7). Pois

Uma vez que a mulher era responsável pela feitura da raça e do lar, então as meninas precisavam mais da educação física do que os meninos, porque o corpo delas era mais débil e exposto a maiores influências nocivas. Por meio de uma educação física orientada cientificamente, as meninas desenvolveriam o santuário da maternidade, o peito e a bacia, por uma ginástica racional, maximizando as potencialidades de seus corpos (STEPHANOU, 2010, p.7).

A Educação Física destinada ao sexo feminino era uma das principais preocupações dos médicos higienistas. No discurso de intelectuais, pedagogos e médicos, o corpo feminino era considerado mais frágil se comparado ao corpo masculino. Por isso necessitava de maiores cuidados no momento da realização de atividades físicas, e principalmente em relação aos exercícios que seriam mais adequados para cada sexo. Para os especialistas na área era preciso que as mulheres ganhassem gosto pela “cultura física”.

Do mesmo modo que o corpo masculino o feminino desenvolvia certos tipos de vícios que deviam ser combatidos e evitados, tanto em casa como na sala de aula. Esses maus hábitos eram, na maioria das vezes, adquiridos em casa e na rua, no convívio com os familiares e colegas de escola. Esses eram os espaços de desordem e indisciplina. Era dever da escola educar

as crianças de ambos os sexos para que as mesmas não carregassem por toda a vida certas atitudes viciosas e desregradas. A prática constante de atividades físicas contribuía para a correção desses vícios. No jornal *O Educador* encontra-se um artigo publicado por Eunice R. Moura, com o título de *a Educação Physica*, no qual a autora discorreu sobre a importância das atividades físicas na correção dos maus hábitos e na manutenção de hábitos salutareos. Vejamos:

É a educação physica que corrige as atitudes viciadas, desenvolve harmoniosamente o organismo, ajuda no desenvolvimento das faculdades cerebrais.

Os meninos que estudam, estão justamente na época de crescimento, precisam pois dos exercícios gymnasticos para ajudar no seu desenvolvimento. Estes exercícios servem para aumentar a força, tornar a criança apta para os trabalhos da vida, para tira-la muitas vezes de um rachitismo prejudicial. Eles são necessários, sobretudo entre nós, onde o clima tem a propriedade de nos tornar moles sem vida, como se fossemos todos opliados. Mandae pois, distintos Paes de família, os vossos filhos para a escola, não somente nos dias consagrados a educação intelectual; mas, também nos em que se ensina a educação physica, que muito contribue para a outra. Não temos em vista, roubar o tempo dos vossos filhos, julgamos-nos incapazes de tal crime a nossa intenção é a mais recta possível; torna-los dignos de vós, do paiz, da terra em que nasceram [Sic.]. (EDUCADOR, 1931, p. 3).

No discurso de Eunice Moura, podemos perceber que, para os intelectuais da época, o ensino de Educação Física era tão ou mais importante do que a educação intelectual. Então o desenvolvimento intelectual e físico tinha que acontecer ao mesmo tempo. Um complementava o outro. Os educadores apelavam para a conscientização dos pais, para que os mesmos levassem e incentivassem seus filhos na prática de atividades físicas. Isso era parte de um projeto de fortalecimento que almejava despertar a consciência das crianças brasileiras para os ideais de patriotismo que passaram a fazer parte do imaginário brasileiro com mais força a partir das primeiras décadas do século XX.

Em relação ao ensino de Educação Física na Paraíba, ainda durante as primeiras décadas do século XX, o estímulo à saúde era uma das funções que essa disciplina tinha dentro do espaço escolar, junto ao ensino de Higiene. As crianças paraibanas, desde cedo, recebiam influência sobre seu corpo daquilo que era considerado saudável, das doutrinas medico-pedagógicas que ganhavam espaço nas escolas (SOARES JÚNIOR, 2011). Estas passavam a ser consideradas, assim, como espaços do limpo e do sujo, espaços da substituição do corpo imundo pelos corpos hígidos, da expulsão das doenças e da valorização da saúde. Esses conhecimentos ganhavam as ruas, invadiam as casas, adentravam os corpos. A Educação Física disciplinava o coração, educava a alma e embelezava o corpo (SOARES JÚNIOR, 2011).

A Educação Física atuava no melhor aproveitamento das aptidões do corpo de homens e mulheres. Os cuidados com a saúde fizeram parte da atenção dos médicos eugenistas que atuavam nas principais cidades do país pregando a educação e saúde do corpo. “Uma educação que não bastava legislar, mas sim educar. Regenerar hábitos, propagar a higienização dos costumes, um espaço aberto para as reformas morais e intelectuais propostas pelos médicos” (SOARES JÚNIOR, 2011, p.170). Dessa maneira

A educação physica augmenta com effeito, as resistências orgânicas e desenvolve as imunidades naturaes, isto é, a defesa contra as enfermidades, obtendo-se este resultado ao mesmo tempo, pelo exercício, pela hygiene geral, pela alimentação, pelo arejamento, pelo tempo determinado de trabalho, de descanso, pela helioterapia, hydroterapia, etc; emfim, por um regimen de vida apropriado à constituição, á idade e ao gênero de ocupação de cada um [Sic.]. (BRASIL NOVO, 1931 p. 3).

Os benefícios proporcionados pela Educação Física logo podiam ser sentidos por quem praticava os exercícios regulamente. As atividades físicas feitas por homens e mulheres aumentavam as resistências do corpo, auxiliando no controle do organismo humano, controlando as enfermidades provocadas pelo clima, falta de higiene, e alimentação mal feita. Para se manter um corpo saudável e harmônico a pessoa deveria obrigatoriamente fazer atividades físicas regulamente, em locais arejados, iluminados e planos, com roupas apropriadas para cada tipo de exercício. Não se demorava muito e logo percebia-se os benefícios trazidos pela prática das atividades físicas. Portanto, a disciplina de Educação Física fez parte de um longo projeto médico-pedagógico que circulou entre as principais cidades brasileiras atuando sobre o corpo de homens, mulheres, crianças e jovens ditando normas disciplinares e higiênicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Colégio *CAD* no dia 17 de fevereiro de 2014, completou 95 anos. E no dia 11 de Outubro deste mesmo ano, a cidade de Campina Grande completará 150 anos de muita história. São duas datas que chamam atenção dos filhos de Campina Grande. Portanto, escrever uma história da Educação Física possuindo como objeto de estudo o Instituto Pedagógico Campinense, a partir de seu ano de criação pelo Tenente Alfredo Dantas busca contribuir para a história desta Instituição de ensino que, ao longo de sua história “consolidou-se como referência na formação educacional de sucessivas gerações de campinenses, paraibanos e brasileiros das mais diversas naturalidades. Ao longo de toda sua trajetória, constituiu-se também um espaço privilegiado de convivência e integração social”⁴⁷.

Esta monografia também tem por objetivo contribuir para a história da Educação Física em Campina Grande. A escassez de trabalhos que tratam da história dessa disciplina e das práticas esportivas em âmbito local foi um dos principais desafios por nós enfrentado ao longo da pesquisa. Quando esses existem não tem a Educação Física, como objeto principal de análise. A dissertação de mestrado escrita pelo historiador Azemar dos Santos Soares Júnior *Corpos Hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)*, é uma exceção quando se trata de pesquisas desse tipo na cidade da Parahyba, o autor “tratou de analisar o processo de higienização do corpo na Paraíba entre os anos de 1912 a 1924”. Nesse momento, o limpo estava sendo cada vez mais valorizado, e o sujo desprezado.

No Brasil, desde a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, os temas relacionados ao corpo, à higiene e disciplina ambos vinculados à prática da Educação Física, fizeram parte de uma série de projetos nacionais que passavam a ideia de que o país poderia ser redimido da inferioridade intelectual, física e racial da população através da prática de exercícios físicos. O corpo da criança era o alvo da atuação de médicos, educadores e pais nessa empreitada pedagógica. A criança, ao entrar na escola, de imediato tinha seu corpo invadido por normas e cuidados que a tornava um sujeito disciplinado e higienizado.

As disciplinas de Educação Física e Higiene foram entendidas como uma alternativa para a transformação da realidade educacional brasileira. Pensando dessa forma essa monografia tratou de analisar os discursos que emergiram no Instituto Pedagógico Campinense para implantar em Campina Grande, durante as décadas de 1920 e 1930, o ensino de Educação

⁴⁷ Ver: <http://www.alfredodantas.com.br/blog/?tag=colegio-alfredo-dantas>. Acessado em: 30/07/2014.

Física, para os sexos masculino e feminino, tornando os sujeitos campinenses adaptados aos preceitos de uma sociedade civilizada e moderna. A cidade vivenciava as experiências da modernidade comum as grandes metrópoles brasileiras do começo do século passado e que foram sonhadas e desejadas pelo resto do país como o grande sonho a ser realizado.

Em Campina Grande esse sonho se concretizou graças a incorporação de símbolos do moderno como o melhoramento de avenidas, encanamento de água e esgoto, advento do transporte, telégrafo, telefone e a chegada da ferrovia que trazia as últimas novidades das grandes metrópoles nacionais, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo. Esses novos instrumentos do moderno transformaram a realidade das pessoas, que passaram a incorporá-los a seu dia a dia. Com tantas novidades, os moradores buscavam educar seus filhos a partir dos novos ideais que passaram a surgir e fazer parte da realidade educacional da cidade. Uma cidade moderna necessitava de escolas que também seguissem o mesmo caminho.

No primeiro capítulo dessa monografia vimos que, no começo do período republicano, o ensino de Educação Física e Higiene circulou nas escolas brasileiras, fazendo parte de um processo chamado medicalização e disciplinarização dos corpos. Essas duas disciplinas juntas atuavam sobre o corpo das crianças, educando-as, de acordo com as normas do discurso médico higienista. Com a prática de exercícios físicos e esportes as crianças alcançavam um corpo forte, belo e uma mente equilibrada.

No segundo capítulo percebemos que o ensino de Educação Física emergiu em Campina Grande nas primeiras décadas do século passado, transformando a realidade da educação local. O Instituto Pedagógico Campinense, aqui nosso objeto de análise se destacou nas práticas educativas na cidade por ter sido entre as instituições de ensino o pioneiro no ensino dessa disciplina a seus discentes.

No terceiro capítulo percebemos que mulheres e homens praticavam diferentes práticas esportivas. O corpo masculino é um corpo másculo, forte e resistente. Capaz de suportar exercícios físicos mais pesados, como futebol e basquete, além de longas corridas, enquanto o feminino é um corpo delicado, suave, belo. As atividades físicas praticadas pelas mulheres estavam voltadas para a maternidade e para manutenção da beleza feminina. Entre as últimas décadas do século XIX e começo do XX, as mulheres começaram cada vez mais a participar de atividades físicas e esportes com o intuito de embelezar seu corpo e torná-lo capaz de suportar os desafios da maternidade, uma exigência ao sexo feminino. Para os discursos da época, uma mulher virtuosa era aquela que expressava beleza e suavidade em seus gestos. Tinha, no corpo, a certeza de que o futuro da família e do país estava garantido tendo filhos fortes e saudáveis.

Essa perfeição física só seria possível graças ao ensino de Educação Física que, ensinado nas escolas ainda durante a infância, perpassava de geração a geração transformando a realidade de uma sociedade que sempre fora marcada pela inferioridade intelectual e racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes** / Durval Muniz de Albuquerque Júnior; prefácio de Margareth Rago. 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: **Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares** / Charliton José dos Santos Machado, Idalina Maria Freitas Lima Santiago, Maria Lúcia da Silva Nunes (Organizadores). – Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p.

_____. **Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia**. In: PINSK, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (org). O Historiador e suas fontes. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

ALMEIDA, Elpidio de. **História de Campina Grande**. 2ªed. João Pessoa, Editora Universitária / UFPB, 1978. 424p. (Coleção Documento Paraibanos, 8).

AGRA, Giscard Farias. **Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande – 1904 – 1935** / Giscard Farias Agra. – Campina Grande, UDUFCG, 2010. 218p.

ANDRADE, Vivian Galdino de. A compreensão de uma Modernidade Pedagógica através do Instituto Pedagógico Campinense (1919 – 1950). IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas ‘História, Sociedade e Educação no Brasil’, Universidade Federal da Paraíba, 31/07 a 03/08/2012, João Pessoa. **Anais Eletrônicos**. João Pessoa: UFPB, 2012.

_____. CURY, Cláudia Engler. “**Construir a cidade e erguer a escola**”: o caso do Instituto Pedagógico em Campina Grande (1919-1942). Revista Lugares de Educação [RLE], Bananeiras / PB. V.3.n.7, p.150-163. Edição Especial. Dez., 2013. ISSN 2237.1451. Disponível em / <http://periodicos.ufpb.br/0152/index.php/rie>. Acesso em:02/07/2014.

ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do Norte: Trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)**. In. Idem etal. A Paraíba no Império e na República. 3ª Ed. Campina Grande, 2003. EDUCG, (Págs. 67/112).

ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Dispensando o feioso: a construção da higiene estética de Campina Grande (1930-1960)** / Silvera Vieira de Araújo. (Dissertação de Mestrado em História – PPGH – UFCG) – Campina Grande, 1010.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade** / Marshall Berman; São Paulo: Companhia da Letras, 1986.

CABRAL FILHO, Severino. **As cidades na fotografia: uma experiência modernizante em Campina Grande – PB (1940-1944)**. **Ariús**, Campina Grande, v. 13, n.2, p.211-217, jul./dez. 2007.

CASTRO, Celso. **Os Militares e a Introdução da educação física no brasil**. Antropolítica, Niterói, RJ.nº2, p61-78.1º set.1997.

CAMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Ed. Caravela, 1988.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a História que não se conta.** Lino Castellani Filho. - Campinas, SP: Papirus, 1988. - (Coleção Corpo & Motricidade).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer** / Michel de Certeau; 17. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar** / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORRÊA, Denise A. **Ensinar e aprender educação física na “era Vargas”:** lembranças de velhos professores. In: VI educere – Congresso Nacional de Educação – PUCPR – Praxis, 2006. CURITIBA. Anais... Curitiba: PUCPR, 2006. V.1. (ISBN 85-7292-166-4).

DIWAN, Pietra. **Raça pura:** uma história da eugenia no Brasil e no mundo / Pietra Diwan. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande.** 2º volume. João Pessoa - PB: Editora União.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau.** Diálogo Educ., Curitiba, v.7,n.22, p.115-128, set./dez. 2007.

EVOLUÇÃO JORNAL. Campina Grande – PB: Edição de 1934. Arquivo da Biblioteca Atila de Almeida – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Publicação Trimestral, n.1.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a Análise do Discurso em Educação.** Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cadernos de Pesquisa, n.114, p. 197 – 223; novembro / 2001.

Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). – 2. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 2010.

_____, **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 / Michel Foucault; Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2010.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **Imagens Literárias da Educação em Campina Grande (1907-1957).** In. Revista Eletrônica Publicada pela EDUEP - UEPB. V. 02, Nº 01, 2008. Disponível em: <http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2-n1/v2n1.html>. Acessado em: 14/03/2011.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista – a Pedagogia Crítico – Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira.** Paulo Ghiraldelli Júnior. Prefacio: José Carlos Libâneo. Vol. 10. Edições Loyola, São Paulo - Brasil, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica / Silvana Vilodre Goellner – Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. – 152 p. – (Coleção educação física).

História do Corpo: Da Revolução a Grande Guerra / sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Jornal *A UNIÃO*. João Pessoa – PB: Edição de 1931. Arquivo da Casa José Américo de Almeida. Publicação Trimestral.

Jornal *BRASIL NOVO*: Campina Grande – PB: Edição de 1931. Arquivo da Biblioteca Atila de Almeida – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Publicação Trimestral.

Jornal *O EDUCADOR*. Campina Grande – PB: Edição de 1932. Arquivo da Biblioteca Atila de Almeida – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Publicação Trimestral.

JUNIOR, Edivaldo Góis. **Os Higienistas e a educação física**: a história dos seus ideais. Rio de Janeiro, março de 2000. (Dissertação de Mestrado).

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. 2ª ed. Campinas - SP: Papirus, 1986.

LIMA, Francis Madlener de & DINIS, Nilson Fernandes. **Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física**. Universidade do Paraná. Currículo sem Fronteiras, v.7,n.1, pp.243-252, Jan./Jun., 2007. ISSN, 1645-1384 (Online) www.curriculosemfronteiras.org

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero, sexualidade e educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); 3. Ed.—Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 176p.

MELO, Josemir Camilo de. **“Evolução”**. **Revista Pedagógica e Magazine na Paraíba dos anos 30**. II seminário Nacional fontes documentais e pesquisa histórica: sociedade e cultura de 07 a 10 de Novembro de 2011. UFCG. Campina Grande-PB.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. **Disciplina e espaços**: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX. Recife, 1997. (Dissertação de Mestrado em História apresentado ao PPGH da UFPE).

_____. **Sensibilidades e Práticas Escolares em Campina Grande – PB**. XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN de 22 a 26 de Julho de 2013 – ANPUH – Brasil.

O Historiador e suas fontes / Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs.). 1. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

PACHECO, Ana Júlia Pinto. **Educação Física feminina**: uma abordagem de gênero sobre as décadas de 1930 e 1940. Revista da Educação Física / UEM 9(1): 45-52, 1998.

PARADA, Mauricio. **Educando corpos e criando a nação**: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo / Mauricio Parada. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2009.

PYKOSZ, Lausane Corrêa, OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **A higiene como tempo e lugar da educação do corpo**: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná. Currículo sem Fronteiras, v.9, n.1, pp.135-158, Jan/Jun 2009.

REVISTA EVOLUÇÃO. Campina Grande - PB: Edição de 1931 -1932. Arquivo da Biblioteca Atila de Almeida – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Publicação Trimestral, n. 1 a 9.

REVISTA ERA NOVA. Campina Grande – PB: Edição de 1922 – 1923. Arquivo da Biblioteca Atila de Almeida – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Publicação Trimestral.

REVISTA DO ENSINO do Estado da Paraíba. João Pessoa – PB: Edição de 1932 a 1937, Publicação Trimestral, n.1 a 14.

SANTOS, A. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes do. **Educação “Gymnastica” e Física no Instituto Pedagógico**: um olhar a partir da Revista *Evolução*. In. II Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, 2012. Caicó – RN. Anais – II Colóquio Nacional História e Sensibilidades, 2012. Disponível em: [http://coloquioufrnii. Webnode. Com/anais-do-evento/](http://coloquioufrnii.webnode.com/anais-do-evento/) acesso em 19/09/2013.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade.

Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

_____. **Os usos e abusos do gênero**. Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, Dez. 2012.

SILVA, Maria Raquel. **Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande**: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945) / Maria Raquel Silva. (Dissertação de Mestrado em Educação – PPGE - UFPB) – João Pessoa, 2011.

SILVA, Paloma Porto. **(DES) Alinhando Alguns Fios da Modernidade Pedagógica**: um estudo sobre as práticas discursivas em torno da educação infantil em Campina Grande – PB (1919 – 1945). / Paloma Porto Silva. (Dissertação de Mestrado em História – PPGH – UFCG) – João Pessoa: [s.n] 2010.

SOARES, Lúcia Carmen. **As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte**: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). Pro-Posições, Campinas, v.22, n. 3 (66), p.81-96, set./dez.2011.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos Hígidos**: o limpo e o sujo na Paraíba (1912 – 1924). / Azemar dos Santos Soares Junior. (Dissertação de mestrado). – João Pessoa - PB. [s.n]. 2011.

_____. **Santuário da Saúde**: Corpo e Educação Physica na Paraíba no Início do Século XX. Fênix Revista de História e Estudos Culturais. Setembro/ Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2012 Vol. 9 Ano IX nº3 www.revistafenix.pro.br. ISSN 1807-6971.

_____. **Corpos robustos**: Hygiene e Educação Physica nas escolas da cidade da Parahyba (1913-1924). SAECULUM – Revista de História [24]; João Pessoa, jan./jun. 2011.

_____. SILVA, Vânia Cristina da. **Hábitos sadios**: modelação de corpos e mentes nas escolas da Paraíba (1937-1945). IX Seminário Nacional de estudos e pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Universidade Federal da Paraíba – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5.

SOUSA, Noelma Cavalcante de, MENESES, Antônio Basílio Novaes Thomaz de. **O poder disciplinar**: uma leitura de Vigiar e Punir. SABERES, Natal – RN, v.1, nº4, jun, 2010. <http://www.cchla.ufrn.br/saberes>.

STEPHANOU, Maria. Saúde pela Educação. Escolarização de Saberes Médicos na Primeira Metade do século XX. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro, RJ. I Congresso Brasileiro de História da Educação. Programas e resumos dos trabalhos. **Anais Eletrônicos**. Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000. p. 327-328.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. CENA III – Modernidades. In. **Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de Família do Recife Moderno (décadas de 20 e 30)**. (Tese de doutorado). Recife, Dezembro de 2002.

VAGO, Tarcísio Mauro. Amaciando os bárbaros: ordem nos trabalhos escolares. In: _____. **Cultura Escolar, Cultura de Corpos**. São Paulo: USF, 2002.

VEIGA – NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação** / Alfredo Veiga – Neto. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 192 p. – (Pensadores & Educação, 4).